

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
DEPARTAMENTO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE ÚNICA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Luiza Jochem

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA DE
PEQUENOS ANIMAIS**

Curitibanos

2022

Luiza Jochem

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ÁREA DE CLÍNICA
MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Medicina Veterinária do Centro de Ciências
Rurais da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a obtenção do
Título de Bacharel em Medicina Veterinária.
Orientador: Prof. (a) Dr.(a) Sandra Arenhart

Curitibanos

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Jochem, Luiza

Relatório de estágio supervisionado na área de clínica
médica de pequenos animais / Luiza Jochem ; orientador,
Sandra Arenhart, 2022.

61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus
Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária,
Curitibanos, 2022.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Psiquiatria Veterinária. 3.
Clínica Médica de Pequenos Animais. 4. Estágio Curricular.
I. Arenhart, Sandra . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Luiza Jochem

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ÁREA DE
CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Medicina Veterinária e aprovado em sua forma final pelo Curso de Medicina Veterinária.

Curitiba, 26 de julho de 2022.

Prof. Dr. Malcon Andrei Martinez Pereira
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Sandra Arenhart, Dr.(a)
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Marcy Lancia Pereira, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Carolina Hass Leal, M. V.
Avaliadora

Dedico este trabalho aos meus pais, como forma de agradecimento por todo apoio durante a graduação.

“Todos os animais, com exceção do homem, sabem que a urgência da vida é aproveitá-la.”

Samuel Butler.

RESUMO

Para manter a coerência da unidade teórico-prática do curso de medicina veterinária, o Estágio Curricular Obrigatório é muito importante, pois integra os aprendizados teóricos que o graduando obtém durante o curso com a prática e a rotina clínica na área em que deseja atuar. O estágio visa a preparação para o trabalho do graduando, por meio de aprimoração da percepção multidisciplinar, o entendimento do ambiente e da organização de trabalho e o comportamento ético na profissão. Os locais escolhidos para o estágio foram a clínica DermatoVet, em Curitiba/PR, no período de 11 de abril de 2022 à 20 de maio de 2022, na área de psiquiatria veterinária, supervisionado pela Médica Veterinária Larissa Helena Ersching Rüncos, e também o Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agrônômica, em Florianópolis/SC, entre 23 de maio de 2022 e 08 de julho de 2022, na área de clínica médica de pequenos animais, supervisionado pela Médica Veterinária Tuani Rosa da Silva. O presente relatório tem como objetivos descrever a estrutura dos locais, bem como seu funcionamento, relatar e discutir a casuística e apresentar as atividades realizadas durante o período do estágio.

Palavras-chave: Psiquiatria veterinária. Clínica médica de pequenos animais. Estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária.

ABSTRACT

In order to maintain the coherence of the theoretical-practical unit of the veterinary medicine course, the Mandatory Curricular Internship is very important, as it integrates the theoretical learning that the graduating student obtains during the course with the practice and clinical routine in the area in which he wants to work. The internship aims to prepare the student for work, through the improvement of multidisciplinary perception, understanding of the work environment and organization and ethical behavior in the profession. The places chosen for the internship were the DermatoVet clinic, in Curitiba/PR, from April 11, 2022 to May 20, 2022, in the area of veterinary psychiatry, supervised by Veterinary Doctor Larissa Helena Ersching Rüncos, and also the Hospital Santa Vida Veterinary, Agronomic Unit, in Florianópolis/SC, between May 23, 2022 and July 8, 2022, in the area of small animal medical clinic, supervised by Veterinary Doctor Tuani Rosa da Silva. This report aims to describe the structure of the places, as well as their operation, report and discuss the casuistry and present the activities carried out during the internship period.

Keywords: Veterinary psychiatry. Small animal medical clinic. Mandatory curricular internship in Veterinary Medicine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada da clínica veterinária DermatoVet.....	14
Figura 2 - Entrada e vitrine (A) e Recepção e sala de espera (B) da clínica DermatoVet.	16
Figura 3 - Consultórios dermatológicos e endócrinos da clínica DermatoVet. Consultório 1 (A), Consultório 2 (B), Consultório 3 (C) e Consultório 4 (D).	18
Figura 4 - Consultório de psiquiatria e comportamento animal da clínica DermatoVet. Consultório (A), Enriquecimento vertical (B), Enriquecimento alimentar para cães (C), Enriquecimento alimentar para gatos (D).....	19
Figura 5 - Sala de Procedimentos na clínica DermatoVet (A), Bandeja multi-test para o <i>Prick test</i> (B), Leitura do <i>Prick test</i> (C) e <i>Patch test</i> (D).	21
Figura 6 - Laboratório da clínica DermatoVet. Bancada com microscópio (A), Câmara de conservação (B).	22
Figura 7 - Áreas comuns da clínica DermatoVet. Cozinha (A), Armários (B), Sala de descanso (C).....	23
Figura 8 - Fachada do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.	25
Figura 9 - Andar térreo do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Banho e tosa (A) e Cozinha (B).	28
Figura 10 - Primeiro andar do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Loja (A) e Recepção do hospital (B).	29
Figura 11 - Consultórios do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Consultório 1 para cães (A), Consultório 2 para cães (B), Consultório para gatos (C) e Consultório de imunização (D).	31
Figura 12 - Sala de ultrassonografia do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.	32
Figura 13 - Sala de radiografia do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.	32
Figura 14 - Internação canina do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.	34
Figura 15 - Internação do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Internação felina (A), Internação para doenças infecciosas (B).	34
Figura 16 - Ambulatório do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Mesas para procedimentos de rotina (A). Mesa para atendimento de emergência (B).	35
Figura 17 - Centro cirúrgico do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Sala de esterilização (A). Sala pré-cirúrgica (B). Sala de paramentação (C). Sala de cirurgia (D).	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Consultas em ambas as concedentes de estágio, divididos por sexo e espécie dos pacientes.	39
Tabela 2 - Raças dos cães consultados em ambas as concedentes	40
Tabela 3 - Raças dos gatos consultados em ambas as concedentes.....	40
Tabela 4 - Afecções divididas por sistemas/especialidades acompanhadas em ambas as concedentes.....	41
Tabela 5 - Distúrbios comportamentais acompanhados na clínica DermatoVet.....	42
Tabela 6 - Afecções tegumentares acompanhadas em ambas as concedentes.	44
Tabela 7 - Afecções ou sinais clínicos digestórios acompanhados no Hospital veterinário Santa Vida.	46
Tabela 8 - Afecções infecciosas acompanhadas em ambas as concedentes.....	47
Tabela 9 - Afecções urinárias acompanhadas no Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica	49
Tabela 10 - Afecções endócrinas acompanhadas em ambas as concedentes	50
Tabela 11 - Afecções oncológicas visualizadas no hospital veterinário Santa Vida.....	51
Tabela 12 - Afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas no hospital veterinário Santa Vida	52
Tabela 13 - Afecções odontológicas acompanhadas no hospital veterinário Santa Vida	53
Tabela 14 - Procedimentos ambulatoriais acompanhados no hospital veterinário Santa Vida, divididos em cães e gatos	54
Tabela 15 - Procedimentos cirúrgicos acompanhados no hospital veterinário Santa Vida, divididos em cães e gatos.	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DA - Dermatite atópica

HVSV – Hospital veterinário Santa Vida

GEH – Gastroenterite hemorrágica

DII – Doença inflamatória intestinal

PIF – Peritonite infecciosa felina

DRC – Doença renal crônica

HAC - Hiperadrenocorticismo

FeLV – Vírus da Leucemia Felina (*Feline leukemia virus*)

PCR – Reação em cadeia da Polimerase

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CLINICA DERMATOVET.....	14
2.1	FUNCIONAMENTO DA CLÍNICA	14
2.2	DESCRIÇÃO DO LOCAL.....	15
2.2.1	Recepção e sala de espera.....	15
2.2.2	Consultórios	16
2.2.3	Sala de procedimentos.....	19
2.2.4	Laboratório	21
2.2.5	Áreas comuns	22
2.3	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	23
3	HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA VIDA	24
3.1	FUNCIONAMENTO DO HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA VIDA	25
3.2	DESCRIÇÃO DO LOCAL.....	27
3.2.1	Andar térreo.....	27
3.2.2	Primeiro andar	28
3.2.3	Segundo andar	29
3.2.4	Terceiro andar	33
3.2.5	Quarto andar.....	35
3.2.6	Quinto andar	37
3.3	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	38
4	CASUÍSTICA E DISCUSSÃO	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária possibilita ao aluno a escolha de lugares desejados para finalização do curso e cumprimento das 450 horas de estágio prático. O estágio foi realizado em duas etapas, a primeira etapa consistiu-se no aprimoramento do conhecimento acerca da área de comportamento animal e dermatologia, e foi realizado na clínica DermatoVet, em Curitiba/PR, no período de 11 de abril de 2022 a 20 de maio de 2022.

A escolha desse local refletiu-se na importância dessa área para o bem-estar dos pacientes, visto que, problemas comportamentais são as principais causas de abandono de cães e gatos, por queixa dos tutores sobre comportamentos indesejados ou anormais. Isso acontece pela falta de conhecimento e compreensão do comportamento natural e necessidades desse animal (RODAN, HEATH, 2015). O objetivo do estágio nessa área é a compreensão da consulta comportamental na clínica médica de pequenos animais, não apenas pela administração de drogas psicoativas, como também pela modificação ambiental, nutricional e técnicas de treinamento, através de uma abordagem inclusiva e adequada (LANDSBERG, HUNTHAUSEN, ACKERMAN, 2005). Apesar do interesse na área comportamental, a clínica DermatoVet é especializada também em dermatologia veterinária, uma área importante, devido a grande casuística relacionada ao sistema tegumentar em pequenos animais.

A segunda etapa foi realizada no Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agrônômica, em Florianópolis/SC, entre 23 de maio de 2022 e 08 de julho de 2022 para o aprofundamento em clínica médica de pequenos animais. Essa área é muito importante para colocar em prática os conhecimentos desenvolvidos durante a graduação e conectar as noções teórico-práticas para prevenção e diagnóstico de doenças e obtenção de tratamentos, através de anamnese, exame físico e exames complementares.

A área de interesse é a medicina comportamental, porém, para a atuação nessa área, é necessário o conhecimento fisiológico dos animais para a diferenciação de doenças comportamentais e físicas. Além disso, essa área requer muito estudo e especializações, portanto, a vivência na clínica geral de pequenos animais é importante para o médico veterinário em formação por permitir esse preparo para a vida profissional.

Assim, o presente relatório tem como objetivo descrever a estrutura e funcionamento dos locais, as atividades desenvolvidas e apresentar, comparar e discutir a casuística e experiências acompanhadas nas duas concedentes durante a realização do estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária.

2 CLINICA DERMATOVET

O estágio na clínica DermatoVet (Figura 1), localizada na rua Carmelo Rangel, número 415, no bairro Batel, na cidade de Curitiba/PR, teve duração de 240 horas, do dia 11 de abril de 2022 até o dia 20 de maio de 2022, sob a supervisão da Médica Veterinária Larissa Helena Ersching Runcos, especializada em Comportamento e psiquiatria canina e felina, que atua no local.

Figura 1 - Fachada da clínica veterinária DermatoVet



Fonte: Autora (2022).

A clínica DermatoVet é especializada em dermatologia, alergologia e otologia veterinária, mas também dispõe de outras especializações como psiquiatria, cardiologia e endocrinologia veterinária.

2.1 FUNCIONAMENTO DA CLÍNICA

As consultas são feitas sob agendamento, sendo reservada uma hora para cada paciente para as consultas de dermatologia e uma hora e meia para as consultas de psiquiatria. O horário

de funcionamento é de segunda-feira a sexta-feira das 8h às 20h. Na clínica não há internação, apenas um espaço reservado para os animais que são deixados pelos tutores para realização de procedimentos.

Na recepção, duas funcionárias realizam agendamento de consultas e cadastro dos pacientes. Também há duas estagiárias para o acompanhamento das consultas de dermatologia, no qual, auxiliam a conter os animais e realizar a limpeza e desinfecção do consultório após cada procedimento.

A clínica conta com a atuação de seis médicos veterinários dermatologistas, duas veterinárias psiquiatras e uma veterinária endocrinologista. Quando necessário, é convocado o serviço terceirizado para a realização de consultas especialistas e exames de imagem.

Para a limpeza da clínica, há um auxiliar de limpeza e de serviços gerais, que fica presente segunda e quinta-feira, das 8h às 16h para limpeza dos consultórios, recepção e área externa da clínica.

2.2 DESCRIÇÃO DO LOCAL

Na clínica há a recepção e sala de espera, nessa mesma área há alguns produtos dermatológicos e alimentícios à venda. Também há cinco consultórios, uma área reservada para internamentos diários e realização de procedimentos, como teste alérgico, áreas de uso comum dos funcionários e uma cozinha. Seguem abaixo as especificações de cada local.

2.2.1 Recepção e sala de espera

A clínica possui uma porta de vidro, que fica sempre trancada e é aberta pela recepcionista quando o tutor toca a campainha e se identifica, assim que entra, o tutor tem à disposição café e água para se servir, e ao lado, há uma vitrine com os produtos à venda, que contém shampoos, medicamentos e petiscos (Figura 2A). A recepção consta com uma bancada e dois computadores para realizar o cadastro dos animais, também há uma balança para pesar os cães, que fica em frente à sala de espera e possui seis cadeiras para os tutores aguardarem as consultas (Figura 2B).

Figura 2 - Entrada e vitrine (A) e Recepção e sala de espera (B) da clínica DermatoVet.



Fonte: Autora (2022).

2.2.2 Consultórios

A clínica possui cinco consultórios, no qual, quatro são destinados às consultas dermatológicas e endócrinas e um é destinado à psiquiatria. Todos os consultórios são localizados em um corredor em frente à porta de entrada.

Os consultórios reservados para as consultas dermatológicas e endócrinas (Figura 3) possuem uma mesa em MDF para exame físico, uma mesa de trabalho do veterinário e duas cadeiras para os tutores, um balcão em granito com pia, sabonete, álcool, água oxigenada, luvas de procedimento, cotonetes, gaze, algodão e desinfetante de superfícies, além de um coletor de materiais perfurocortantes, uma lixeira comum e uma para resíduos potencialmente infectantes. Nas gavetas, é possível observar agulhas, seringas, focinheiras, luvas de procedimento, lâminas de bisturi e de microscopia.

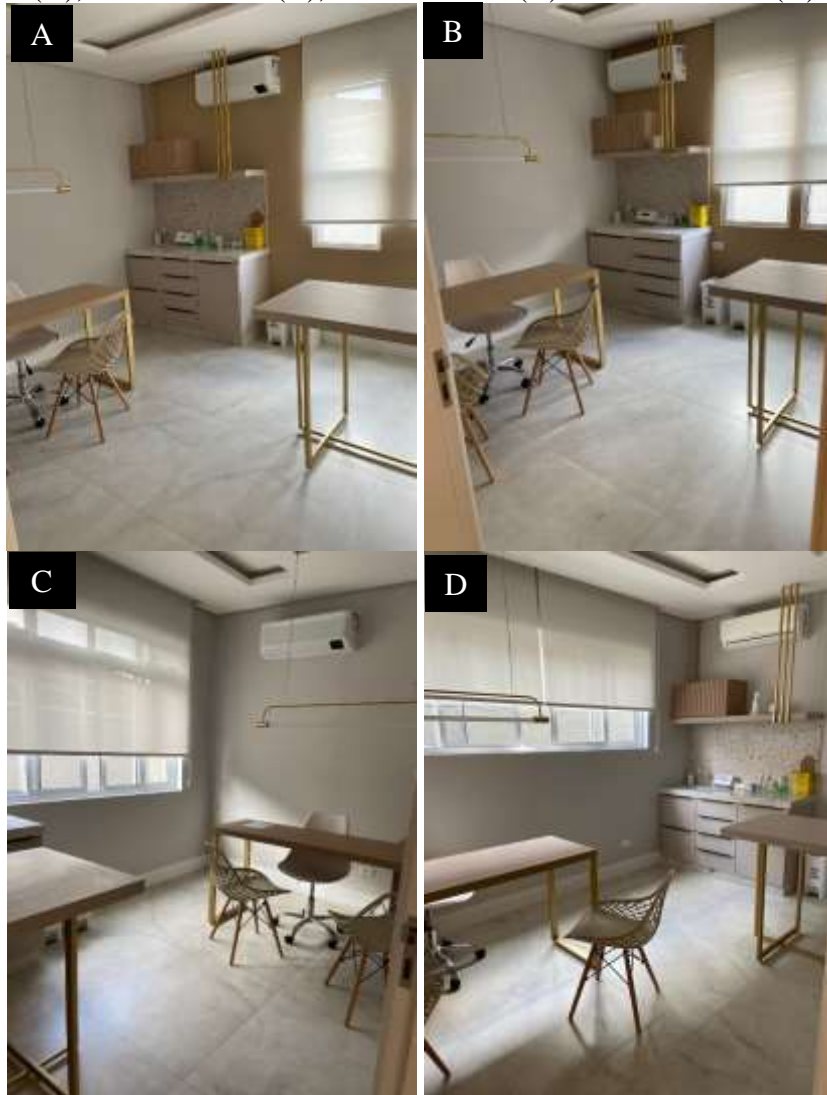
Nesses consultórios são realizadas as consultas especializadas e os mesmos são revesados entre seis veterinários. Na área dermatológica são efetuadas as consultas, caso necessário é realizada a citologia por *imprint* e visualização no microscópio que fica no laboratório. Nos consultórios executa-se os testes alérgicos, no qual testa-se três tipos de ácaros, que são as espécies mais encontradas na poeira doméstica, três tipos de pólenes, que são derivados de gramíneas, e doze tipos de alimentos, que são as principais matérias primas para

a alimentação dos animais, e consistem respectivamente em *Dermatophagoides pteronyssinus*, *Dermatophagoides farinae*, *Blomia tropicalis*, *Cynodon dactylon*, *Phelum pratense*, *Lolium perenne*, milho, ovo, suíno, bovino, frango, peixe, trigo, soja, leite, arroz, batata e aipim.

No consultório de psiquiatria e comportamento animal (Figura 4A) são realizadas as consultas, sessões e consultorias *on-line*. O consultório possui uma mesa em MDF de trabalho do veterinário, no qual encontra-se termômetro e estetoscópio, um sofá para os tutores e os animais, um balcão em granito com pia, sabonete, álcool, desinfetante de superfícies, uma lixeira comum e uma reciclável, enriquecimento vertical com nichos e prateleiras para os gatos (Figura 4B), pois essa espécie sente-se segura e confiante no alto. Nos armários, encontra-se brinquedos, petiscos e enriquecimento alimentar, como labirintos, tabuleiros, tapetes, mordedores recheáveis, comedouro *dispenser* para ração, entre outros produtos de alimentação interativa para cães (Figura 4C) e gatos (Figura 4D), para deixá-los à vontade durante a consulta, criar uma associação positiva e poderem expressar seu comportamento natural, alimentando-se de uma forma dinâmica. Esse recurso também é utilizado para demonstrar aos tutores quais os tipos de enriquecimento e como usá-los. Quando é consulta ou sessão para gatos, utiliza-se o feromônio sintético *Feliway*® Classic Difusor 30 minutos antes e durante a consulta, com intuito de deixá-los mais confortáveis.

Quando o tutor chega ao consultório, fecham-se as portas e recomenda-se que solte os cães da guia e abra a caixa de transporte dos gatos para eles se habituarem ao local e saírem por conta própria, então, é realizada a anamnese e uma conversa sobre as queixas do tutor, assim, a veterinária passa as recomendações de modificações ambientais e sociais. A primeira consulta normalmente dura em torno de uma hora e meia, enquanto o retorno dura uma hora.

Figura 3 - Consultórios dermatológicos e endócrinos da clínica DermatoVet. Consultório 1 (A), Consultório 2 (B), Consultório 3 (C) e Consultório 4 (D).



Fonte: Autora (2022).

Figura 4 - Consultório de psiquiatria e comportamento animal da clínica DermatoVet. Consultório (A), Enriquecimento vertical (B), Enriquecimento alimentar para cães (C), Enriquecimento alimentar para gatos (D).



Fonte: Autora (2022).

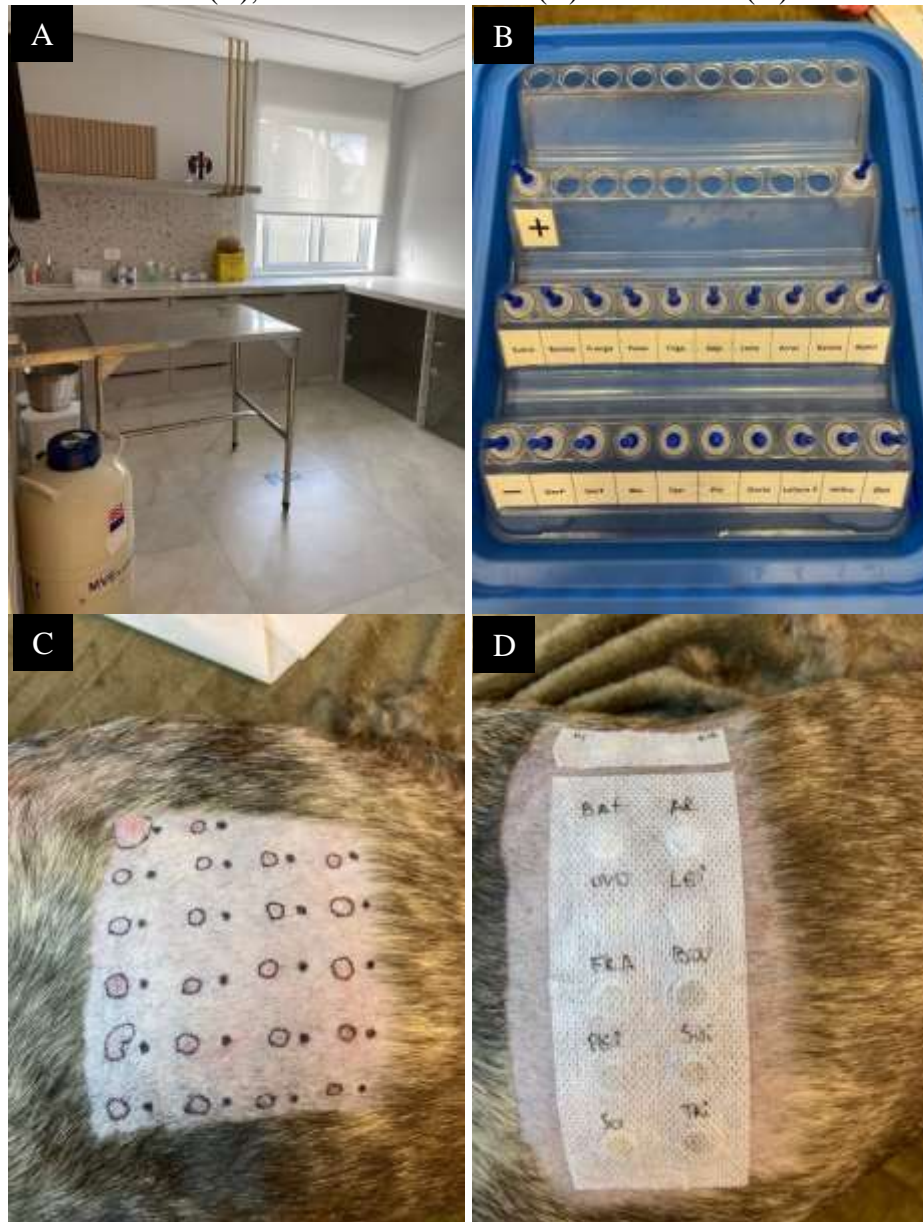
2.2.3 Sala de procedimentos

O espaço consta com um balcão em granito com pia, sabonete, álcool, água oxigenada, luvas de procedimento, cotonetes gaze, algodão, *micropore* e desinfetante de superfícies, além de um coletor de materiais perfurocortantes, uma lixeira comum e uma para resíduos potencialmente infectantes. Nas gavetas é possível encontrar tubos para coleta de sangue, seringas, sondas, *swab*, fios cirúrgicos, frascos para coleta de material histopatológico, kit para

microagulhamento Derma Roller, tanque de nitrogênio líquido para crioterapia, puntores e bandeja Multi-test para o *Prick test* (Figura 5B), canetas dermatográficas, régua, lupa, lamparina e cortadores de unha. No mesmo espaço, também há uma mesa em aço inox e três baias em granito (Figura 5A) para internação diária caso o animal é deixado para realização de procedimentos.

Nessa área são realizados alguns procedimentos, como coleta de sangue e material biológico, microagulhamento, exames de imagem e teste alérgico sob sedação. O teste alérgico realizado é o *Prick test*, para visualização de reações imediatas, no qual, adiciona-se a uma bandeja extratos alergênicos e coloca-se os puntores, então, é realizada uma tricotomia na região torácica lateral do animal e a marcação com caneta dermatográfica com distância de 2 cm de cada ponto, assim, são realizadas as punturas e aguarda-se 15 minutos para a leitura do teste. Além dos pontos com os extratos alergênicos, também é realizado um controle positivo e negativo. Decorridos os 15 minutos, mensura-se cada reação cutânea (Figura 5C), que é considerada positiva se for três milímetros maior que o controle negativo. Após isso, é realizado o *Patch test*, para visualização de reações tardias (Figura 5D), do outro lado da região torácica, no qual também é realizada uma tricotomia e colado um adesivo com extratos de alimentos, que consistem na proteína purificada e diluída. Assim que o adesivo é posicionado, coloca-se a roupa pós cirúrgica e aguarda-se dois dias para a retirada e leitura do teste.

Figura 5 - Sala de Procedimentos na clínica DermatoVet (A), Bandeja multi-test para o *Prick test* (B), Leitura do *Prick test* (C) e *Patch test* (D).



Fonte: Autora (2022).

2.2.4 Laboratório

O laboratório possui um balcão em granito com uma pia, sabonete, álcool, corante panótico rápido, que é composto por um fixador de solução de Triarilmetano 0,1% e dois corantes, que consistem em Xanteno 0,1% (ácido) e Tiazina 0,1% (básico). Na mesma bancada, encontra-se um microscópio que é utilizado para visualizar as lâminas (Figura 6A), óleo de

imersão, otoscópio, lâmpada de wood, gaze, algodão, cotonete, lixeira, coletor de materiais perfurocortantes e meio de cultura para diagnóstico de dermatofitoses causadas por fungos *Microsporum*, *Trichophyton* e *Epidermophyton*.

Nesse mesmo local, encontra-se uma câmara para conservação de vacinas e medicamentos (Figura 6B) com temperatura de 2°C a 8°C, alarmes, discador telefônico e sistema de homogeneização de temperatura. Dentro da câmara, visualiza-se Cytopoint, antibióticos, soluções otológicas e vacinas.

Figura 6 - Laboratório da clínica DermatoVet. Bancada com microscópio (A), Câmara de conservação (B).



Fonte: Autora (2022).

Nesse ambiente são realizadas as análises no microscópio das lâminas confeccionadas por citologia aspirativa, para diagnóstico de fungos, bactérias ou outras doenças, também visualizam-se as lâminas de raspado de pele, que é coletado por uma lâmina de bisturi, essa visualização pode ser direta ou corada pelas soluções citadas acima. Além disso, também são realizadas as culturas fúngicas e bacterianas para determinar o tipo de medicação a ser utilizada.

2.2.5 Áreas comuns

Para os funcionários, é disponibilizada uma área comum com cozinha (Figura 7A), que contém geladeira, microondas, bancada em granito com pia, máquina de café e louças.

Nesta área tem uma mesa e duas cadeiras, no qual é possível almoçar. Próximo à cozinha, há um espaço com armários para os funcionários guardarem seus pertences e um cabideiro para pendurar os jalecos (Figura 7B).

Há também uma sala de descanso para os veterinários (Figura 7C), que contém duas mesas em MDF com duas cadeiras cada, um *hack* com máquina de café, louças e um banheiro para os funcionários.

Figura 7 - Áreas comuns da clínica DermatoVet. Cozinha (A), Armários (B), Sala de descanso (C)



Fonte: Autora (2022).

2.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O estágio curricular obrigatório na clínica veterinária DermatoVet iniciou-se dia onze de abril e finalizou dia 20 de maio, com oito horas diárias e foi supervisionado pela médica veterinária Larissa Helena Ersching Rüncos.

Dentro da clínica, usava-se jaleco e máscara obrigatoriamente, era permitido o uso de calça longa e calçado fechado para o acompanhamento das consultas. A maior rotina da clínica era da área dermatológica, que constava com duas estagiárias curriculares que auxiliavam na contenção dos animais para realização dos testes alérgicos e aplicação de vacinas, além de outras atividades como tricotomia, observação no microscópio e limpeza dos consultórios. O estágio na clínica DermatoVet foi focado em psiquiatria veterinária, porém, quando não tinham consultas, podia-se acompanhar a rotina dos médicos veterinários especializados em dermatologia.

Para a área de psiquiatria veterinária, havia apenas uma estagiária, que acompanhava as duas veterinárias, a Larissa Rüncos e Camila Marussig, que se alteravam nos dias de ir à clínica, a Larissa atendia segunda, quarta e quinta, enquanto a Camila atendia terça e sexta. As atividades desenvolvidas eram a preparação do consultório para o recebimento do animal, como ligar o *Feliway*® Classic na tomada para consultas com gatos, a aplicação de óleo essencial *Stress Away* para animais medrosos, além do fornecimento de enriquecimento alimentar para os animais, ao colocar petiscos nos comedouros e proporcionar comportamentos naturais, como farejar, cavar e pensar para obter a comida durante as consultas. Também realizava algumas interações com os animais, como brincar de varinha com os gatos e de bolinha com os cães. Quando o animal era extremamente medroso, agressivo ou tinha fobias, era recomendado não manter contato visual ou físico para não o inibir ainda mais. Após as consultas, era realizada a limpeza do local, desinfecção das mesas e preparação do ambiente para a próxima consulta.

Nos horários em que não havia consultas, eram disponibilizados livros sobre comportamento animal para estudo, e, ao final do dia, eram realizadas discussões com as veterinárias sobre os casos atendidos e possíveis diagnósticos.

3 HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA VIDA

O estágio no Hospital Veterinário Santa Vida (Figura 8) iniciou dia 23 de maio de 2022 e finalizou dia oito de julho de 2022, totalizando 210 horas. O hospital Veterinário Santa Vida trata-se de uma rede de atendimento veterinário bem estruturada e equipada, que consta com cinco unidades situadas na Grande Florianópolis. Localizadas no município de Florianópolis – SC, a unidade do bairro Agrônômica localiza-se na rua Delmina Silveira, número 855 e a unidade do Estreito é localizada na rua Liberato Bitencourt, número 1462B. Já as unidades do município de Palhoça – SC, encontram-se na Avenida Elza Lucchi, número 650, bairro Ponte do Imaruim e na rua José Bonifácio de Souza, número 385, bairro Pagani. E a unidade do Kobrasol é situada na rua Adhemar da Silva, número 668. O estágio foi supervisionado pela Médica Veterinária Tuani Rosa da Silva e teve como objetivo acompanhar a área de clínica médica de pequenos animais.

Figura 8 - Fachada do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.



Fonte: Autora (2022).

3.1 FUNCIONAMENTO DO HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA VIDA

A unidade da Agronômica foi fundada em 2019 e funciona todos os dias da semana, com atendimento em horário comercial das 8h às 20h de segunda à sexta e das 8h às 12h no sábado, também consta com serviço de emergência 24 horas, internação com isolamento para doenças contagiosas, consultas médicas e atendimento nos setores de anestesiologia e imaginologia veterinária, farmácia pet 24 horas, *pet shop* e estética animal.

Durante o horário comercial, de segunda à sexta, na recepção duas funcionárias realizam o cadastro de clientes, agendamentos de consultas e anunciam a chegada de consultas, exames e emergências no local por um microfone que tem alto-falantes em todos os andares, uma profissional da limpeza, dois atendentes da loja e estagiários. Nesse período, encontram-se dois veterinários clínicos gerais, uma veterinária responsável pelo internamento, uma veterinária imaginologista, uma anestesista e uma cirurgiã geral. Ainda sob agendamento há disponível nas cinco unidades hospitalares, nove veterinários que atendem nas áreas de oncologia, oftalmologia, endocrinologia, ortopedia, dermatologia, fisioterapia, nefrologia e gastroenterologia. Também há quatro funcionários que atuam no banho e tosa.

De segunda a domingo, quatro enfermeiros revezam os turnos no hospital, com horário de trabalho das 6h às 18h e das 18h às 6h na escala de serviço 12x36. Durante o plantão, das 20h às 8 horas, há disponível um médico veterinário clínico geral, que é responsável pelos animais na internação e pelos atendimentos de emergência, também permanece sob aviso os médicos veterinários imagiologista, anestesiista e cirurgiã.

As consultas com os clínicos gerais são realizadas sob agendamento, por ordem de chegada ou emergência. Os dados do paciente, como nome, idade, sexo, se é castrado ou não e queixa clínica, já são entregues via sistema ao médico veterinário antes de iniciar a consulta, então ele chama os tutores e os animais na recepção e os conduz até o consultório, no qual os tutores são convidados a sentar e assim, inicia-se a anamnese. Após isso, o veterinário solicita ao tutor que coloque o animal em cima da mesa para realização do exame físico geral e específico de acordo com a queixa do tutor e suspeita do médico veterinário.

Caso seja necessária a realização de algum procedimento, como coleta de sangue, avaliação de feridas, aplicação de medicamentos, testes rápidos, entre outros, o tutor assina um termo de consentimento e o animal é levado pelo médico veterinário ao ambulatório. Assim, se preciso, o médico veterinário solicita mais exames, interna ou receita medicamentos para o animal, que tem direito a um retorno grátis no período de 30 dias.

No ambulatório são realizados procedimentos como eletrocardiograma, coletas de amostras e de sangue e atendimentos emergenciais. O eletrocardiograma e a coleta de sangue normalmente são realizados pelo médico veterinário que atendeu o animal na consulta ou, se fora encaminhado, pelo clínico geral que estiver disponível, com ajuda de um enfermeiro ou estagiário para contenção.

Na internação sempre haverá a presença de um médico veterinário, que registra no sistema a prescrição e administração de medicamentos, os parâmetros clínicos, atualizações sobre o paciente e envia boletins médicos aos tutores sempre ao fim do expediente ou quando haver necessidade. O enfermeiro realiza a limpeza do local e cuidado dos pacientes, faz os parâmetros, administra medicação e também pode registrar as informações no sistema.

A cirurgia pode ser indicada por um médico veterinário geral, especialista ou ser encaminhada, mas sempre passará por uma avaliação com a cirurgiã, assinará termo de consentimento e realizará exames pré-operatórios, normalmente pede-se hemograma completo e perfil bioquímico sérico, mas pode ser solicitado eletrocardiograma e outros exames que auxiliarão na cirurgia. Para a operação o animal deve estar em jejum e aguardará a cirurgia no internamento, no qual, é realizada a tricotomia para o acesso venoso e administração da

medicação pré-anestésica pela anestesista, que leva o animal até a sala de cirurgia. Na sala de cirurgia é obrigatório o uso de propé, máscara e touca. Assim, a cirurgiã realiza a tricotomia e assepsia da área cirúrgica, enquanto a anestesista realiza a indução, e posteriormente a cirurgiã se paramenta com clorexidina 4%, luvas e aventais estéreis e realiza a antissepsia para início do procedimento cirúrgico.

3.2 DESCRIÇÃO DO LOCAL

O hospital possui uma recepção com sala de espera, dois consultórios para cães, um consultório para gatos, um consultório para imunização, ambulatório, internação, sala de ultrassom/ecocardiograma, sala do raio-x, local para esterilização dos materiais cirúrgicos, bloco cirúrgico, sala de administração, banho e tosa, pet shop, farmácia pet e áreas de uso comum dos funcionários e estagiários. O hospital é dividido em cinco andares com acesso por escada ou elevador, e cada ambiente será especificado nos itens abaixo.

3.2.1 Andar térreo

Esse andar é localizado abaixo do nível da rua e possui acesso exclusivo aos funcionários. É onde localiza-se o banho e tosa (Figura 9A), a lavanderia, o depósito e a cozinha (Figura 9B), com geladeira, pia, micro-ondas e mesa para alimentação dos funcionários.

Figura 9 - Andar térreo do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Banho e tosa (A) e Cozinha (B).



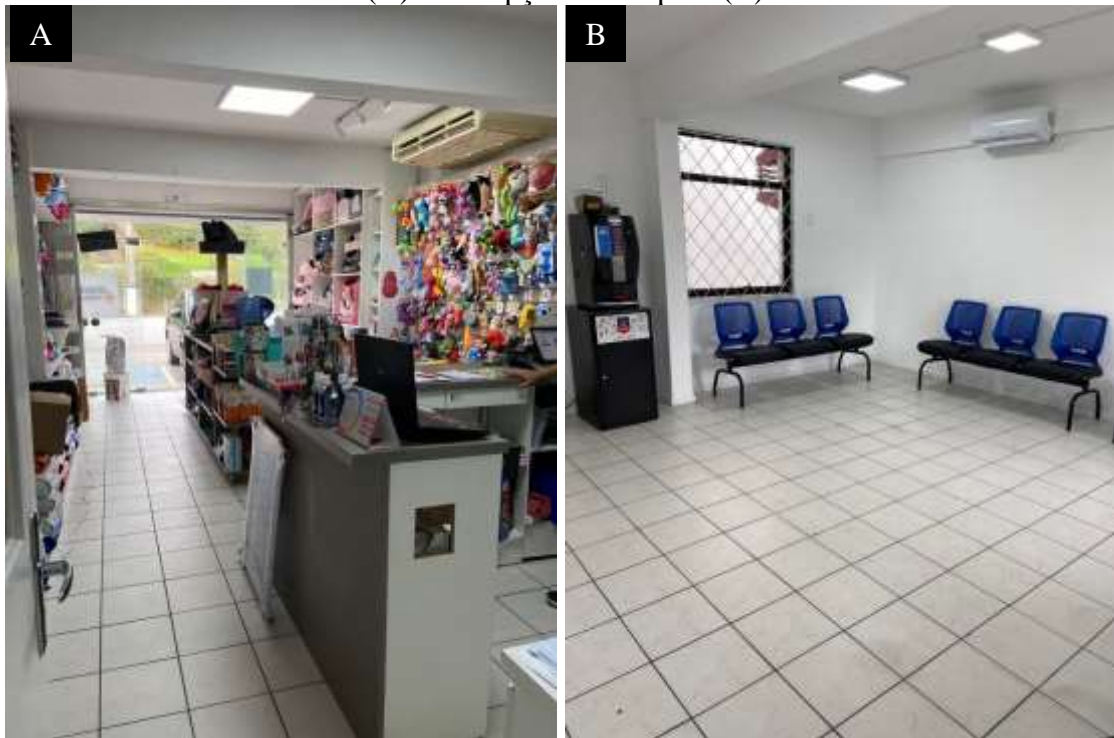
Fonte: Autora (2022).

3.2.2 Primeiro andar

O hospital possui dois acessos no primeiro andar, no qual, uma entrada é pela loja e a outra, pela recepção do hospital que se situa na lateral do prédio. A loja (Figura 10A) possui um balcão de atendimento com prateleiras onde encontra-se os artigos de farmácia *pet*, também há prateleiras com variados produtos de pet shop, como rações, areias, brinquedos, comedouros, camas e arranhadores.

A recepção do hospital (Figura 10B) possui o balcão de atendimento, no qual encontra-se dois computadores para as funcionárias, também há disponível onze cadeiras para os tutores e animais aguardarem o atendimento, uma balança para pesagem dos animais, cafeteira, bebedouro, televisão e ar condicionado.

Figura 10 - Primeiro andar do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Loja (A) e Recepção do hospital (B).



Fonte: Autora (2022).

3.2.3 Segundo andar

Nesse andar localizam-se dois consultórios para cães (Figura 11A e 11B), um consultório para os gatos (Figura 11C), uma sala de imunização (Figura 11D), uma sala para realização de radiografia, uma sala para realização de ultrassonografia e ecocardiograma e uma dispensa. No corredor encontra-se uma impressora, que é utilizada para imprimir exames, termos de autorização, orçamentos e receituário dos pacientes. Apesar de haver consultório para as duas espécies, os veterinários usavam o consultório de gatos para atendimento de cães.

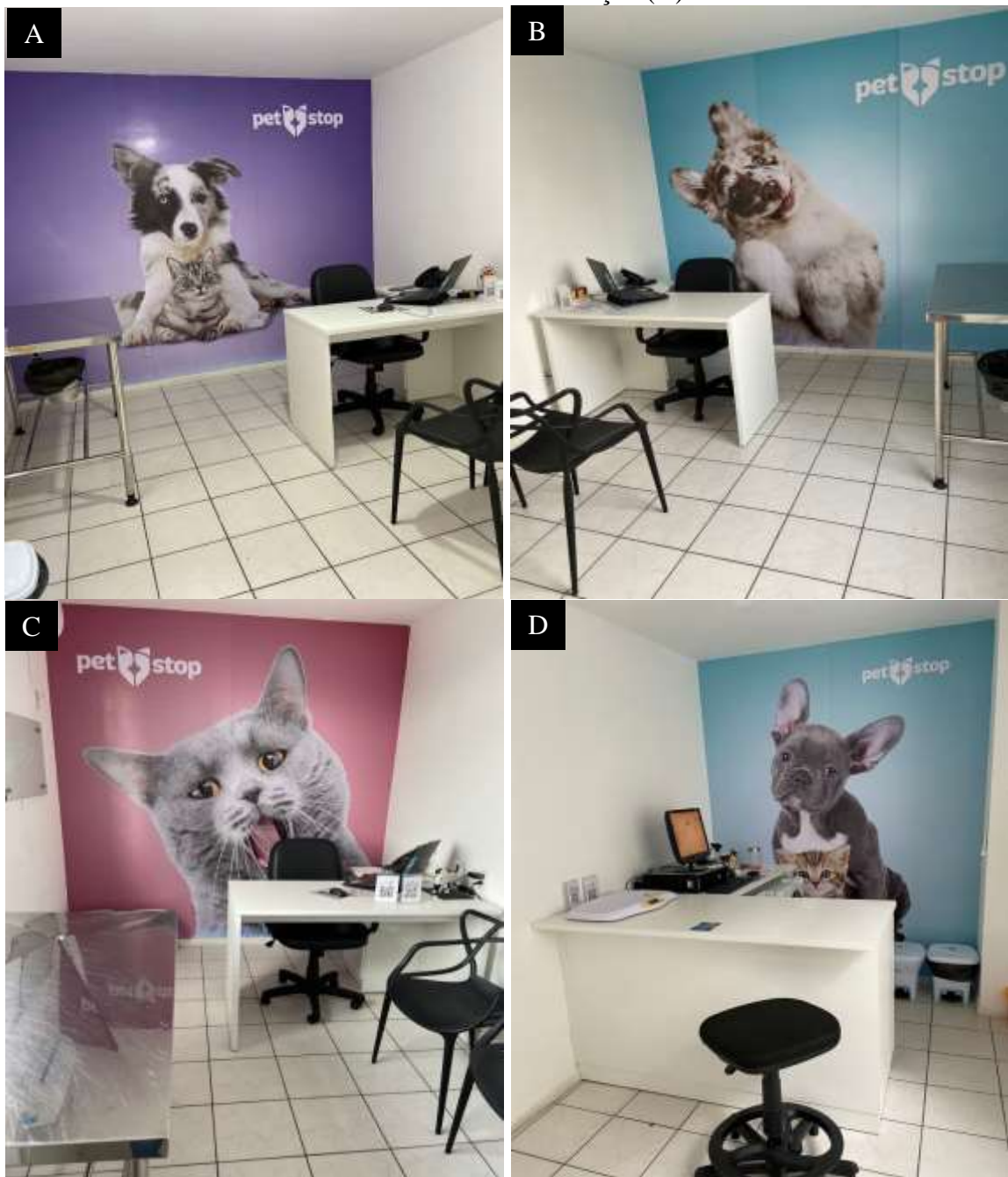
Nos consultórios é possível encontrar uma mesa e cadeira de atendimento para o veterinário, com armário, computador e telefone e duas cadeiras para os tutores, uma mesa de inox para exame físico dos animais, um balcão para armazenamento de álcool 70%, clorexidine, água oxigenada, desinfetante para as mesas, gazes, algodão, termômetros, uma pia com sabão líquido, álcool em gel e papel toalha para higiene das mãos. Todos os consultórios possuem ar-condicionado, uma lixeira comum, uma para resíduos infectantes e uma para descarte de materiais perfurocortantes.

Na sala de imunização consta uma bancada com computador, armário que contém seringas, agulhas, gaze, algodão, carteira de vacinação, álcool, clorexidine, água oxigenada e desinfetantes, um refrigerador específico para armazenamento das vacinas, um balcão para aplicação das vacinas, com uma balança para pesagem dos gatos, pia com sabão, álcool em gel e papel toalha para higiene das mãos, uma cadeira para os tutores aguardarem, uma lixeira comum, uma para resíduos infectantes, uma para descarte de materiais perfurocortantes e uma para descarte dos frascos de vacina.

A realização de ultrassonografia e ecocardiograma (Figura 12) ocorre em uma sala que contém uma cadeira e uma mesa com computador para veterinária executar os laudos, no armário encontra-se álcool, desinfetante, gaze, algodão, seringas e agulhas para a manobra de cistocentese. Também há uma bancada em que se apoia a calha e o aparelho de ultrassom, que contém duas *probes*, o gel de ultrassom, aparelho de tricotomia e uma luminária, ar-condicionado, uma lixeira comum, uma para resíduos infectantes e uma para descarte de materiais perfurocortantes.

A sala de radiografia (Figura 13) contém uma cadeira e uma mesa com computador para o veterinário visualizar as imagens, ao lado, em uma bancada encontra-se um aparelho para digitalizar as radiografias, no qual acopla-se o cassete para leitura, há também um armário que contém contrastes, álcool e desinfetante de mesa, uma lixeira comum, uma para resíduos infectantes e uma para descarte de materiais perfurocortantes. O aparelho de raio-x é digital, há um painel de controle para realizar as operações radiográficas, dois cassetes e uma mesa Bucky para o posicionamento do animal. Por se tratar de um equipamento estacionário, a sala é baritada, também há disponível os equipamentos de segurança necessários, como dois aventais de chumbo e dois protetores de tireoide.

Figura 11 - Consultórios do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agrônômica. Consultório 1 para cães (A), Consultório 2 para cães (B), Consultório para gatos (C) e Consultório de imunização (D).



Fonte: Autora (2022).

Figura 12 - Sala de ultrassonografia do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.



Fonte: Autora (2022).

Figura 13 - Sala de radiografia do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.



Fonte: Autora (2022).

3.2.4 Terceiro andar

Nesse andar, localiza-se o ambulatório e a internação, em ambos encontra-se ar-condicionado, uma lixeira comum, uma para resíduos infectantes, uma para descarte de materiais perfurocortantes e uma para frascos de vidro, também há medicamentos, seringas, agulhas, tubos de coleta de sangue, gaze, algodão, cateteres venosos, sondas uretrais, sondas para alimentação, ataduras, compressas, esparadrapos, fita *micropore*, bandagens, equipamentos, fluidos, luvas, álcool, iodopovidine, água oxigenada, clorexidina, soro fisiológico, instrumentais, equipamentos como termômetro, doppler, esfigmomanômetro, manguitos de vários tamanhos, glicosímetro e estetoscópio, pia com sabão e papel toalha para higiene das mãos.

A internação contempla uma parte para cães, uma para gatos e uma área separada para as doenças infecciosas. A internação dos cães (Figura 14) possui 17 baias, sendo 10 baias pequenas, no qual duas são utilizadas para colocação de materiais, como focinheiras, kits para alta, guias e colar elizabetano, quatro baias médias e três baias grandes. Ao lado de todas as baias, encontra-se suporte para colocação de bombas de infusão e tomadas, além de todas as baias possuírem iluminação própria e portas de vidro com saídas de ar. Na internação possui uma bancada grande, com notebook para a veterinária, um *tablet* para o enfermeiro e estagiários, impressora, balança para gatos e armários onde encontram-se bombas de infusão, cobertores, tapete higiênico, luvas de contenção para gatos, pertences dos pacientes e os equipamentos, medicações e materiais citados acima. Há também uma mesa de inox para procedimentos e uma sala integrada onde fica uma geladeira para alimentos, um micro-ondas e o estoque de alimentos para os pacientes internados.

A internação felina (Figura 15A) possui seis baias pequenas, suporte para colocação de bombas de infusão, uma mesa de inox para procedimentos, álcool, água oxigenada e gaze. Durante todo o período de estágio, a internação felina se encontrava desativada, portanto, os gatos ficavam internados junto com os cães. A internação para doenças infecciosas (Figura 15B) possui quatro baias pequenas e duas médias com suporte para colocação de bombas de infusão, uma mesa de inox para procedimentos, álcool, água oxigenada, luvas, gaze, lixeira comum, uma para resíduos infectantes e uma para descarte de materiais perfurocortantes.

Figura 14 - Internação canina do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica.



Fonte: Autora (2022).

Figura 15 - Internação do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Internação felina (A), Internação para doenças infecciosas (B).



Fonte: Autora (2022).

No ambulatório há três mesas de inox, sendo duas reservadas para procedimentos de rotina (Figura 16A) e uma para emergência (Figura 16B), com uma bomba de infusão com equipo montado, álcool, ampolas de atropina e adrenalina, agulhas, seringas, gaze, e cateteres, ao lado visualiza-se o carrinho de emergência equipado com tubos endotraqueais, reanimadores

manuais de silicone, circuito baraka com traqueia de silicone, também há cilindro e concentrador de oxigênio portátil.

O ambulatório consta com uma mesa em MDF com três computadores e três cadeiras para os médicos veterinários, nessa mesa, encontra-se diversas gavetas no qual estão distribuídos todos os equipamentos, materiais e medicamentos citados acima, e na bancada visualiza-se de eletrodos, impressora, microscópio, analisador bioquímico e analisador de imunoenensaio automático. Também há duas geladeiras para as medicações, uma incubadora e um berço.

Figura 16 - Ambulatório do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agrônômica. Mesas para procedimentos de rotina (A). Mesa para atendimento de emergência (B).



Fonte: Autora (2022).

3.2.5 Quarto andar

No local há a sala de administração do hospital, que é onde ocorre as reuniões dos médicos veterinários e enfermeiros, uma copa que possui dois bebedouros para os funcionários, um banheiro e o centro cirúrgico. No centro cirúrgico encontra-se uma sala de esterilização (Figura 17A), que contém uma bancada com a autoclave, embalagens para esterilização de

papel grau cirúrgico, uma seladora de mesa, produtos utilizados pra antissepsia e assepsia, gaze, compressa, tubos endotraqueais e materiais esterilizados. Ao lado, há um ambiente usado para a lavagem dos materiais, que contém uma bancada com duas pias. Também há a sala pré-cirúrgica e a sala de paramentação. A sala pré-cirúrgica (Figura 17B) é o ambiente em que o médico veterinário coloca os utensílios necessários para adentrar à sala de cirurgia, como propé, máscara e touca, também possui alguns materiais esterilizados, luvas estéreis, fios cirúrgicos, talas, compressas e tubos endotraqueais, além de uma lixeira comum, uma para resíduos infectantes, uma para descarte de materiais perfurocortantes.

A sala de paramentação (Figura 17C), possui uma lixeira para resíduos infectantes, um cesto para colocação dos aventais cirúrgicos, um *dispenser* de sabão líquido e um de papel toalha, cloredidine 2%, uma bancada em MDF para apoio dos paramentos estéreis e um lavatório de inox, com a torneira de acionamento pelo joelho. Do outro lado, é possível visualizar um armário em MDF onde localizam-se os materiais cirúrgicos já esterilizados, como aventais, compressas, fios cirúrgicos, luvas, campos e fios cirúrgicos.

Na sala de cirurgia (Figura 17D), é possível encontrar dois carros auxiliares com duas prateleiras cada, um deles utilizado para colocação dos materiais estéreis durante a cirurgia e o outro para apoiar tapetes higiênicos, gaze, luva e antissépticos. Ao centro, é possível observar a mesa de cirurgia, com altura regulável, e acima um colchão térmico. Também há um armário com portas de vidro onde se localizam as medicações, uma mesa em inox para apoiar os materiais necessários para a profilaxia, como o ultrassom dentário, há um aparelho para anestesia inalatória, um monitor e bomba de seringa. Também se encontra um ar-condicionado, uma lixeira comum, uma para resíduos infectantes, uma para descarte de materiais perfurocortantes e uma para frascos de vidro.

Figura 17 - Centro cirúrgico do Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica. Sala de esterilização (A). Sala pré-cirúrgica (B). Sala de paramentação (C). Sala de cirurgia (D).



Fonte: Autora (2022).

3.2.6 Quinto andar

Nesse andar localiza-se uma sala de fisioterapia desativada, com uma mesa e uma cadeira, além de uma mesa de inox. E também o terraço, no qual, os estagiários e os enfermeiros podiam levar os pacientes para fazer a necessidades e passear quando muito ansiosos.

3.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O período de estágio no Hospital Veterinário Santa Vida teve início em 23 de maio e finalizou em 08 de julho de 2022, totalizando 47 dias, exercendo oito horas diárias e supervisionado pela médica veterinária Tuani Rosa da Silva. No hospital, a vestimenta dos médicos veterinários, enfermeiros e estagiários era o pijama cirúrgico, mas podia-se utilizar jaleco ou apenas a blusa do pijama cirúrgico, sendo obrigatória a utilização de calçado fechado.

As atividades do hospital eram divididas por setores, no qual, montava-se um esquema no início do mês alocando os estagiários nos setores de clínica, internamento, cirurgia e imagem, mas quando não haviam cirurgias, consultas ou exames de imagem, o estagiário deveria auxiliar na internação, a partir de cuidados com os pacientes, como oferecer alimento, limpeza de feridas, administração de medicações, aferição de pressão, aferição de glicemia, verificação de limpeza e viabilidade do acesso venoso, contenção dos animais, além de montagem de equipos, cuidados com a bomba de infusão, limpeza das baias e manutenção do ambiente.

Nas consultas o estagiário podia acompanhar e auxiliar o médico veterinário na contenção dos animais para o exame físico, além de aferir a pressão arterial quando solicitado e higienizar a mesa de atendimento e os materiais utilizados. Se fosse necessário algum procedimento ambulatorial, o estagiário subia com o médico veterinário para auxiliá-lo no que fosse preciso, tanto para buscar os materiais necessários, quanto para contenção, pesagem dos animais e realização de tricotomias. Para os exames de imagem, a função do estagiário era basicamente a contenção e posicionamento dos animais e auxílio dos médicos veterinários pelo que fosse pedido.

Os estagiários podiam acompanhar os procedimentos cirúrgicos, para isso era obrigatória a utilização de pijama cirúrgico, propés, touca e máscara, assim, o estagiário auxiliava a anestesista a posicionar o animal para intubação, realizava tricotomia e a antissepsia do paciente, auxiliava a cirurgiã no que fosse pedido e levava o animal após a cirurgia para a internação e observação.

4 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

No total, somando os dois períodos de estágio, foram acompanhadas 134 consultas, em que 80 (59,7%) casos foram acompanhados na clínica DermatoVet e 54 (40,3%) no Hospital

Veterinário Santa Vida (HVSV), 207 procedimentos ambulatoriais, sete procedimentos cirúrgicos, 21 ultrassonografias e nove radiografias no HVSV. Além disso, foram acompanhados seis testes alérgicos na clínica DermatoVet. Os animais consultados em ambas concedentes, consistiram em 84 (62,7%) cães e 50 gatos (37,3%), sendo 76 (56,72%) fêmeas e 58 (43,28%) machos, e encontram-se detalhados na tabela 1.

Tabela 1 - Consultas em ambas as concedentes de estágio, divididos por sexo e espécie dos pacientes.

Sexo	Clínica DermatoVet		HV Santa Vida		TOTAL (%)
	Gato	Cão	Gato	Cão	
Fêmea	12	28	10	26	76 (56,72)
Macho	23	17	5	13	58 (43,28)
Total	35	45	15	39	134 (100)
Total	80		54		

Em relação às raças dos pacientes caninos consultados, em ambas as concedentes a mais atendida foi Sem Raça definida (SRD) (39,29%), seguido do Spitz Alemão e Shih-tzu (8,33%). E as raças visualizadas encontram-se na tabela 2.

Tabela 2 - Raças dos cães consultados em ambas as concedentes

Raça	DermatoVet	HVSV	Total	Total (%)
SRD	20	13	33	39,29
Spitz Alemão	2	5	7	8,33
Shih-tzu	4	3	7	8,33
Buldogue Francês	2	2	4	4,76
Poodle	1	2	3	3,57
American Bully	2	1	3	3,57
Yorkshire	2	1	3	3,57
Dachshund	-	3	3	3,57
Pinscher	-	3	3	3,57
Bull Terrier	1	1	2	2,38
Lhasa Apso	1	1	2	2,38
Pug	1	1	2	2,38
Pitbull	1	1	2	2,38
Pastor-de-Shetland	1	-	1	1,19
Chow-chow	1	-	1	1,19
Chihuahua	1	-	1	1,19
Samoieda	1	-	1	1,19
Cocker	1	-	1	1,19
Shar-pei	1	-	1	1,19
Maltês	1	-	1	1,19
Golden Retriever	1	-	1	1,19
Labrador	-	1	1	1,19
Pastor Bernesi	-	1	1	1,19
TOTAL	45	39	84	100,00

Em relação aos felinos (Tabela 3), a raça mais comum foi a SRD (90%), seguida da Persa (6%) e Bengal (4%).

Tabela 3 - Raças dos gatos consultados em ambas as concedentes.

Raça	DermatoVet	HVSV	Total	Total (%)
SRD	33	12	45	90,00
Persa	-	3	2	6,00
Bengal	2	-	3	4,00
Total	35	15	50	100,00

As consultas na clínica DermatoVet foram divididas em três áreas, de acordo com as especialidades disponíveis no local, sendo 51 consultas psiquiátricas, duas endócrinas e 27 dermatológicas, no qual quatro se enquadram na categoria infecciosas. Para melhor visualização dos casos, as consultas acompanhadas durante o estágio no Hospital Veterinário Santa Vida e clínica DermatoVet, serão divididas por sistemas fisiológicos ou por

especialidades nesse relatório (Tabela 4). As afecções que tiveram apenas um caso em cada sistema, serão abordadas como Outras causas.

Alguns diagnósticos são presuntivos, pois nem todos os tutores aceitavam ou tinham condições financeiras para realizar os exames para diagnóstico definitivo. Para fins de comparação, os únicos sistemas que serão comparados entre as concedentes serão os tegumentares, infecciosos e endócrinos, pois tiveram casuística em ambos os locais.

Tabela 4 - Afecções divididas por sistemas/especialidades acompanhadas em ambas as concedentes.

Sistemas ou especialidade	Clínica DermatoVet		HV Santa Vida		Total	Total (%)
	Gato	Cão	Gato	Cão		
Comportamental	34	17	-	-	51	38,06
Tegumentar	-	23	3	7	33	24,63
Digestório	-	-	3	8	11	8,21
Doenças Infecciosas	-	4	2	5	11	8,21
Urinário	-	-	4	5	9	6,72
Endocrinologia	1	1	-	4	6	4,48
Oncológico	-	-	1	3	4	2,99
Outras causas	-	-	1	3	4	2,99
Musculoesquelético	-	-	1	2	3	2,24
Odontológico	-	-	-	2	2	1,49
Total	35	45	15	39	134	100,00

Como visualizado na tabela 4, a especialidade com mais casos foi a clínica comportamental (38,06%), devido ao foco do estágio na área de psiquiatria na Clínica DermatoVet, e será apresentada (Tabela 5) e discutida separadamente. Em seguida o sistema tegumentar (24,63%) e as afecções digestórias (8,21%) e infecciosas (8,21%).

Os sistemas e/ou especialidades serão abordados na ordem de prevalência, com destaque para as afecções mais comuns em cada local. Na tabela abaixo (Tabela 5), têm-se os distúrbios comportamentais acompanhados nas consultas.

Tabela 5 - Distúrbios comportamentais acompanhados na clínica DermatoVet

Afecções comportamentais	Cão	Gato	Total	Total (%)
Medo por falta de socialização	6	3	9	17,65
Ansiedade por separação	4	4	8	15,69
Introdução estruturada	1	7	8	15,69
Agressividade	2	5	7	13,73
Adaptação	-	4	4	7,84
Alopecia psicogênica	-	4	4	7,84
Ansiedade generalizada	-	3	3	5,88
Comportamento compulsivo	3	-	3	5,88
Síndrome de PICA	-	2	2	3,92
Síndrome de Pandora	-	1	1	1,96
Síndrome de hiperestesia felina	-	1	1	1,96
Fobia de chuva	1	-	1	1,96
Total	17	34	51	100,00

Em destaque nos distúrbios comportamentais acompanhados no estágio, visualiza-se o medo por falta de socialização, que acometeu seis cães e três gatos, correspondendo a 17,65% do total de casos. A queixa da maioria dos tutores era o medo excessivo de sair de casa, de outros animais e de pessoas. Em um dos casos, um cão resgatado que viveu em uma gaiola desde o nascimento até os seis meses de idade, sem contato com outros animais, ou outras pessoas além de quem o alimentava. Outro, uma cadela que fora separada da mãe muito cedo e não teve contato intraespecífico até os cinco meses de idade. O medo é definido como uma resposta emocional, gerada por mecanismos fisiológicos e comportamentais e desencadeada pela sensação de ameaça (SILVA *et al.* 2016). Esse comportamento pode ser aprendido e potencializado, gerando distúrbios na qualidade de vida do animal.

Os animais possuem períodos de desenvolvimento comportamental, que iniciam já no amadurecimento intrauterino, no qual, o nível elevado de cortisol sérico na mãe, pode influenciar o temperamento do filhote (TEOTONIO, 2015). O período neonatal corresponde desde o nascimento até os 13 dias de vida do cão e até os 10 dias de vida no gato, no qual, ele passa a maior parte do tempo dormindo e mamando com seus irmãos de ninhada, o estágio transicional é dos 13 aos 19 dias de idade, e é marcado pelo início de atividades independentes da mãe e intensificação do padrão comportamental (LANDSBERG, HUNTHAUSEN & ACKERMAN, 2005).

Entre a terceira à décima segunda semana de vida do cão ou até a décima semana de vida do gato, esses animais passam por um período conhecido como fase sensível de

socialização, que é marcado pela exploração do ambiente e dos objetos que o cercam, no qual o desenvolvimento do padrão comportamental é formado rapidamente (TEOTONIO, 2015). Com o amadurecimento cognitivo e neurológico, o filhote começa a responder aos estímulos e se beneficiar deles, diminuindo as chances de desenvolver distúrbios comportamentais relacionados com o estímulo futuramente (TEOTONIO, 2015). Do nascimento até esse período, a manipulação moderada dos filhotes pelas pessoas é benéfica para a maturação do sistema nervoso e consolidação do desenvolvimento motor. Eventos estressantes leves, como a manipulação precoce, afetam o sistema hipófise-adrenocortical para desenvolver animais mais confiantes, exploratórios e socialmente dominantes (LANDSBERG, HUNTHAUSEN & ACKERMAN, 2005).

Esse período é importante para o filhote formar vínculos com pessoas ou com animais de outra espécie e aceitá-los como personagens normais de seu ambiente quando adultos. Esse vínculo pode ser formado em outro momento, porém é um processo muito mais lento. É ideal que nesse período, o animal seja apresentado para várias pessoas, espécies, diversos estímulos auditivos, visuais, olfativos e táteis para torná-lo menos medroso, agressivo e estressado (BEAVER, 2005, SCHOLTEN, 2017). Das dez semanas de vida para os gatos e das doze para os cães até a maturidade sexual é visualizado o período juvenil, que os animais aprimoram as capacidades motoras e de coordenação. Já o período adulto é marcado pela maturidade sexual (MOREIRA, 2011).

Como os tutores sabiam o histórico de vida dos animais e dos problemas no desenvolvimento social inicial, associou-se a causa do medo extremo dos animais à falta de socialização. Para a maioria dos casos, indicava-se a inserção de exercício progressivo, iniciando em lugares calmos e vazios, recompensar com petiscos as atitudes positivas diante as ameaças, no caso de animais com medo de pessoas, pedir que as visitas ofereçam sachê ou petiscos com intuito de aproximação gradativa, ou seja, criar associações positivas com as causas de medo nos animais. A prescrição de medicamentos não ocorreu em todos os casos, apenas naqueles que já eram acompanhados à mais tempo pela médica veterinária e não respondiam apenas à associação positiva. No geral, indicavam-se manipulados contendo Triptofano, Valeriana e Passiflora e os psicofármacos eram receitados de acordo com o temperamento do paciente e outras queixas do tutor.

A literatura indica o treinamento de dessensibilização e contracondicionamento para modificação da resposta negativa. A dessensibilização é a apresentação gradual de estímulos que causam o medo no animal e o contracondicionamento gera reforços positivos para auxiliar

na dessensibilização (LIMA, 2014). Essa prática deve ser realizada em lugares no qual o animal se sinta confortável, com um reforço que agrada o animal enquanto ele é exposto a um nível do estímulo que não causará uma resposta de medo, assim, expõe-se o animal a estímulos mais fortes com recompensas, gradativamente até atingir o comportamento desejado (LANDSBERG, HUNTHAUSEN & ACKERMAN, 2005).

A introdução estruturada (15,69%) foi o principal motivo de consulta para os gatos, pois a introdução abrupta de novos gatos em uma casa pode trazer problemas comportamentais e ameaça aos gatos que já vivem no ambiente. A maioria das pessoas que procuravam esse auxílio gostariam de introduzir um gato adulto ou realizar a reintrodução, no caso de gatos que já apresentavam problemas comportamentais por não aceitarem o novo animal na casa. Essa introdução era recomendada em cinco fases e há um tempo médio de aceitação de seis meses.

As recomendações iniciavam com isolamento total do novo gato em um cômodo da casa até os gatos residentes aceitarem e ficarem relaxados com os novos cheiros e sons emitidos pelo gato recém chegado, assim, gradualmente realiza a troca de cheiros, por meio de brinquedos e cobertores, se ambos aceitarem, chega o momento de permitir a visualização dos gatos, por meio de frestas ou porta-telas, se não houver sinais de desconforto, permite-se que eles estejam no mesmo cômodo com supervisão dos tutores gradativamente até a introdução completa. É importante ressaltar que a qualquer sinal de desconforto dos gatos, deve-se voltar um passo até a aceitação completa.

O segundo sistema mais acometido foi o tegumentar (24,63%), tendo as patologias acompanhadas descritas abaixo na tabela 6.

Tabela 6 - Afecções tegumentares acompanhadas em ambas as concedentes.

Afecções tegumentares	DermatoVet		HVSV		Total	Total (%)
	Cão	Gato	Cão	Gato		
Dermatites alérgicas	18	-	-	-	18	54,55
Nódulos cutâneos	2	-	1	2	5	15,15
Saculite	-	-	3	1	4	12,12
Otite	-	-	2	-	2	6,06
Alopecia por fricção	1	-	-	-	1	3,03
Sarna demodécica	1	-	-	-	1	3,03
Alopecia X	1	-	-	-	1	3,03
Infecção perivulvar por atrito	-	-	1	-	1	3,03
Total	23	-	7	3	33	100,00

As dermatites alérgicas (54,55%) foram as afecções do sistema tegumentar mais visualizadas nos cães. Nessa categoria enquadram-se a dermatite atópica (DA) e a hipersensibilidade alimentar. A DA acomete cerca de 10% da população canina (CAMPOS, SILVA, MORAES-FILHO, 2021). Essa afecção é definida como uma doença alérgica da pele, que cursa com inflamação, prurido, cronicidade e recorrência, pois sua predisposição genética acarreta em distúrbios da barreira tegumentar, hipereatividade cutânea e defeitos na resposta imune antimicrobiana (SOLOMON, FARIAS, PIMPÃO, 2012). Estudos indicam que a falha nessa barreira cutânea facilita a penetração de alérgenos e infecções secundárias e assim, faz com que a imunidade local libere mediadores inflamatórios excessivamente, que fragiliza ainda mais a pele (MEDEIROS, 2017).

Os sinais clínicos da DA incluem prurido, otite externa, prurido facial e podal e lesões de auto traumatismo, porém, não há nenhum sinal patognomônico, então, pode-se diagnosticar pela história clínica, como início dos sintomas com menos de três anos de idade, cão que vive predominantemente dentro de casa e os sinais clínicos, também diagnosticada pela exclusão de outras dermatopatias e responsividade nas tentativas terapêuticas, como o uso de corticosteróides (CAMPOS, SILVA, MORAES-FILHO, 2021, MEDEIROS, 2017). Além disso pode-se realizar testes alérgicos, que consistem nos intradérmicos e sorológicos para identificação do alérgenos associados à DA (SECHI, 2017). Os testes devem ser realizados com intuito de implementar a imunoterapia alérgeno-específica e determinar a exclusão de alérgenos ambientais (SOLOMON, FARIAS, PIMPÃO, 2012).

Na clínica DermatoVet, eram realizados o *Prick test* e *Patch test*, que buscavam os alérgenos mais comuns nos cães, como *Dermatophagoides pteronyssinus*, *Dermatophagoides farinae*, *Blomia tropicalis*, *Cynodon dactylon*, *Phelum pratense*, *Lolium perenne*, milho, ovo, suíno, bovino, frango, peixe, trigo, soja, leite, arroz, batata e aipim. O tratamento implementado na clínica era a modificação alimentar quando o teste acusava sensibilidade à algum alimento e imunoterapia alérgeno-específica. Quando os testes não eram realizados, na maioria das vezes indicava-se a administração de Oclacitinib via oral ou aplicação de imunoterapêutico a base de Anticorpo Monoclonal caninizado, que bloqueia a interleucina-31, responsável pela transmissão do sinal do prurido nos cães.

A afecção tegumentar mais vista nos gatos foram os nódulos cutâneos, no qual, eles podem ser benignos, inflamatórios ou neoplásicos. Para diagnóstico realiza-se a citologia, no qual a presença de células inflamatórias e células não displásicas indicam a provável presença

de inflamação, e a presença de um único tipo de célula pode indicar um processo neoplásico (RAMINHOS, 2011).

Na tabela 7 encontram-se detalhadas as afecções visualizadas durante o estágio no Hospital Veterinário Santa Vida.

Tabela 7 - Afecções ou sinais clínicos digestórios acompanhados no Hospital veterinário Santa Vida.

Afecções ou sinais clínicos digestórios	Gato	Cão	Total	Total (%)
Gastroenterite hemorrágica	-	5	5	45,45
Gastrite	1	1	2	18,18
Doença inflamatória intestinal	1	-	1	9,09
Inapetência	-	1	1	9,09
Sialorreia	1	-	1	9,09
Intoxicação por chocolate	-	1	1	9,09
Total	3	8	11	100,00

Algumas afecções não foram diagnosticadas, portanto alocou-se nessa categoria os sinais clínicos digestórios de inapetência e sialorreia. A afecção do sistema digestório mais visualizada nos cães foi a gastroenterite hemorrágica (GEH) (45,45%), que possui etiologia variada, como intoxicações, bactérias, vírus e parasitas, e apresenta sinais clínicos de diarreia sanguinolenta e vômito (RODRIGUES *et al*, 2018). Um estudo realizado por Wingfield (2009) indica que culturas realizadas com o conteúdo gastrointestinal de cães com GEH manifestaram grande quantidade de *Clostridium perfringens*, sendo a potencial causa. O diagnóstico é realizado pela visualização de diarreia fétida e sanguinolenta, além da realização do hemograma, apresentando hemoconcentração sem leucopenia, mas deve-se descartar outras causas como parvovírus, corpos estranhos e intussuscepção vólculo intestinal. O tratamento de suporte consiste na reposição de fluidos, antieméticos e antibióticos caso haja a presença de *C. perfringens*.

Em todas as situações de GEH no HVSV, realizava-se o teste rápido para Parvovirose, e em alguns casos para giardíase. O tratamento era de suporte, com fluidoterapia, citrato de maropitant, cloridrato de ondansetrona e dipirona, mas em alguns casos utilizava-se o metronidazol.

O caso de intoxicação por chocolate foi visualizado em um cão, buldogue francês de cinco anos que comeu uma barra de chocolate da tutora, foi levado ao hospital com queixa de

vômito e diarreia, o animal ficou internado em observação e recebeu apenas fluidoterapia, visto que durante a internação estava bem e sem mais sinais de intoxicação.

Em gatos visualizou-se apenas um caso de gastrite, um de doença inflamatória intestinal e um de sialorreia, que não foi esclarecida diante das condições dos tutores. A doença inflamatória intestinal (DII) consiste em uma patologia crônica e idiopática, que normalmente cursa com sinais clínicos crônicos de êmese, diarreia, anorexia e perda de peso progressiva (MARQUES et al, 2021). Trata-se de uma doença imunomediada, resultante de uma interação entre antígenos ou microbiota intestinal e o sistema imune, que forma uma resposta exacerbada e inflama a mucosa intestinal (MORETTI, SOUZA, MORETTI, 2021).

Para o diagnóstico, é necessário uma investigação clínica e exclusão de outras patologias gastrointestinais, normalmente por meio de ultrassonografia, coproparasitológico, hemograma completo e perfil bioquímico. O procedimento diagnóstico de eleição é a realização de biópsia intestinal e análise histopatológica (SARMENTO, 2021). O tratamento inclui modificação alimentar, com dietas a partir de proteínas hidrolisadas e administração de medicamentos imunossupressores e anti-inflamatórios, como a prednisolona e metronidazol (MELO *et al.*, 2018). O caso acompanhado no hospital veterinário Santa Vida, era de um felino de 17 anos que já fora diagnosticado com DII e apresentava anorexia, vômito e perda de peso, portanto o animal ficou internado e realizou-se a sondagem nasogástrica para administração de glutamina, sucralfato e suplemento para aporte nutricional, além de fluidoterapia com ringer lactato, administração de metronidazol, omeprazol e cloridrato de ondansetrona.

Os casos das doenças infecciosas visualizados nos estágios estão descritos na tabela 8.

Tabela 8 - Afecções infecciosas acompanhadas em ambas as concedentes

Afecções infecciosas	DermatoVet		HVSV		Total	Total (%)
	Cão	Gato	Cão	Gato		
Parvovirose	-	-	2	-	2	18,18
PIF	-	-	-	2	2	18,18
Traqueobronquite infecciosa	-	-	2	-	2	18,18
Dermatite fúngica	2	-	-	-	2	18,18
Piodermite	2	-	-	-	2	18,18
Giardíase	-	-	1	-	1	9,09
Total	4	-	5	2	11	100,00

A parvovirose é uma doença infectocontagiosa causada pelo parvovírus canino, sendo a maior causa de mortalidade em cães filhotes com menos de seis meses de idade (MELO *et al*, 2021). A transmissão do vírus ocorre pela via fecal-oral e apresenta sinais clínicos como vômito, diarreia, apatia, desidratação e febre, acompanhados de imunossupressão (MARIGA *et al*, 2022).

O diagnóstico da parvovirose ser realizado através da detecção de antígenos virais do CPV-2 nas fezes dos cães, pelo teste de ensaio de imunoabsorção enzimática ou pelo imunoensaio cromatográfico. Também pode-se realizar sorologia, isolamento viral, hemaglutinação das fezes e reação em cadeia de polimerase (PCR). O tratamento é de suporte, realizado para amenizar os sinais clínicos do animal, e inclui fluidoterapia, analgesia, antieméticos e caso o animal apresente imunossupressão insere-se antibioticoterapia de amplo espectro (MELO *et al*, 2021).

A parvovirose foi visualizada em dois cães no HVSV, um de quatro meses de idade e outro de um ano, a queixa em ambos os casos era hematoquezia, apatia e êmese, e fora diagnosticada por meio de teste rápido IDEXX SNAP® Parvo disponível no hospital. Os tratamentos instituídos foram a reposição hídrica com ringer lactato, administração de citrato de maropitant e buscofin.

A peritonite infecciosa felina (PIF) foi observada em dois casos no HVSV e o diagnóstico foi presuntivo, devido a condição financeira dos tutores, que optaram por eutanásia devido à progressão do quadro. A PIF é uma doença imunomediada que afeta os gatos, geralmente fatal, tendo seu agente etiológico um coronavírus felino, que pode ser o vírus da peritonite infecciosa felina ou o coronavírus entérico felino, que muta no sistema gastrointestinal podendo causar a PIF (ULIANA *et al*, 2012). Os sinais clínicos iniciais da PIF incluem depressão, apatia, anorexia e diarreia, porém a doença possui duas formas de apresentação, a forma exsudativa, que cursa com sinais clínicos de derrame, dilatação abdominal e dispneia e a forma seca, que apresenta sinais oculares e neurológicos (MOTA, 2010).

O diagnóstico pode ser avaliação dos sinais clínicos, histórico, sorologia, histopatologia imuno-histoquímica, e RT-PCR, porém, devido à progressão rápida do quadro, a sorologia pode resultar em falso negativo, já os testes laboratoriais das efusões possuem melhor valor preditivo e normalmente são estéreis, incolores, podendo conter cordões de fibrina (ULIANA *et al*, 2012). O tratamento é paliativo, e o fármaco mais utilizado é a prednisolona, usado para inibir a resposta imune, mas também é relatado o uso de interferon ômega felino, que é um

imunomodulador que tende a aumentar a resposta mediada por células através de citocinas (BARROS, 2014).

O quinto sistema mais afetado foi o urinário e suas enfermidades constam na tabela 9.

Tabela 9 - Afecções urinárias acompanhadas no Hospital Veterinário Santa Vida, unidade Agronômica

Sistema urinário	Cão	Gato	Total	Total (%)
Doença renal crônica	4	2	6	66,67
Urolitíase	1	2	3	33,33
Total	5	4	9	100,00

A doença renal crônica (DRC) foi visualizada em quatro cães e dois gatos no HVSV, e é caracterizada pelas lesões estruturais renais irreversíveis, como a perda de néfrons, que podem progredir para a falência renal (ANDRÉ *et al.*, 2010). De acordo com a *International Renal Interest Society* (2019), a DRC possui quatro estágios de evolução, pelas concentrações séricas de creatinina. No estágio um e não azotêmico, os animais podem apresentar sinais como poliúria e polidipsia e creatinina sérica menor que 1,6 mg/dL para os gatos e menor que 1,4 mg/dL para os cães. No estágio dois, com azotemia renal discreta, os animais apresentam os mesmos sinais, porém a creatinina sérica encontra-se entre 1,6 e 2,8 mg/dL para os gatos e entre 1,4 e 2,8 mg/dL para os cães. O estágio três apresenta azotemia renal moderada e creatinina sérica entre no intervalo de 2,9 a 5,0 mg/dL para os gatos e os cães. O estágio quatro é caracterizado pela azotemia renal severa e cursa com graves sinais clínicos e creatinina sérica acima de 5,0 mg/dL para as duas espécies.

O diagnóstico é realizado através de anamnese, exame físico e achados laboratoriais, através da elevação das concentrações séricas de creatinina, urinálise, com exame de sedimento urinário, cultura de urina, relação proteína:creatinina na urina, e exames de imagem com radiografia e ultrassonografia (GRAUER, 2016). É uma doença que não tem cura, portanto, os tratamentos são sintomáticos para controlar as alterações clínicas, e também para controlar a progressão do quadro, por isso é necessário o acompanhamento médico (ANDRÉ *et al.*, 2010).

Um dos casos de DRC visualizados no Hospital Veterinário Santa Vida era de um canino, macho, de 12 anos que chegou para a primeira consulta com queixas gastrointestinais, e ao realizar o ultrassom, verificou-se o aumento da espessura corticomedular dos rins e contorno irregular. Solicitou-se então o hemograma completo e perfil bioquímico, no qual a creatinina sérica se encontrava em 2,55 mg/dL. Assim, foi encaminhado para uma médica

veterinária nefrologista. No hospital veterinário Santa Vida o estadiamento da DRC era realizado através do biomarcador SDMA, que detecta algumas disfunções renais precocemente.

As afecções endócrinas foram visualizadas nos dois estágios e encontram-se detalhadas na tabela abaixo.

Tabela 10 - Afecções endócrinas acompanhadas em ambas as concedentes

Afecções endócrinas	DermatoVet		HVSV		Total	Total (%)
	Cão	Gato	Cão	Gato		
Hiperadrenocorticismo	1	-	3	-	4	66,67
Diabetes <i>Mellitus</i>	-	1	-	-	1	16,67
Hipotireoidismo	-	-	1	-	1	16,67
Total	1	1	4	-	6	100,00

O hiperadrenocorticismo (HAC) acometeu três cães no hospital veterinário Santa Vida e um na clínica DermatoVet, todos com idade superior a 10 anos. Esse dado é justificável, visto que se trata de uma das endocrinopatias mais comuns em cães idosos (BENEDITO, ROSSI, BUENO DE CAMARGO, 2017). É uma endocrinopatia multissistêmica causada pelo excesso de cortisol sérico e cursa com sinais clínicos de poliúria, polidipsia, letargia, fraqueza, atrofia muscular, abaulamento abdominal, hipertensão sistêmica e hiperpigmentação e adelgaçamento da pele (OLIVEIRA, ROMÃO, 2021). O HAC pode ser classificado como dependente da hipófise, dependente da adrenal ou iatrogênico, sendo a forma dependente da hipófise a mais comum (BENEDITO, ROSSI, BUENO DE CAMARGO, 2017).

O diagnóstico pode ser realizado pela combinação dos sinais clínicos com as alterações laboratoriais e testes endócrinos, como o teste de supressão por baixa dose de dexametasona e teste de estimulação por hormônio adrenocorticotrófico. Há algumas formas de tratamento, e na maioria dos casos pode ser cirúrgico, pela hipofisectomia ou adrenalectomia ou por intervenção medicamentosa, com trilostano, que bloqueia a enzima 3 β -hidroxiesteroide ou mitotano, que provoca necrose adrenocortical e atrofia (OLIVEIRA, ROMÃO, 2021).

No Hospital Veterinário Santa Vida, era realizado o teste de supressão por baixa dose de dexametasona para diagnóstico, e o tratamento dependia do animal e condições do tutor, em dois casos recebeu-se o trilostano.

Acompanhou-se alguns casos oncológicos, que estão descritos na tabela 11.

Tabela 11 - Afecções oncológicas visualizadas no hospital veterinário Santa Vida.

Afecções oncológicas	Cão	Gato	Total	Total (%)
Linfoma multicêntrico	-	1	1	25,00
Linfoma mediastinal	-	1	1	25,00
Neoplasia mamária a esclarecer	1	-	1	25,00
Sarcoma no cotovelo a esclarecer	-	1	1	25,00
Total	1	3	4	100,00

O linfoma foi visualizado em dois gatos durante o estágio no HVSV, no qual, um se tratava de linfoma multicêntrico, em um gato de 14 anos e o outro mediastinal em um gato de oito anos, com leucemia viral felina (FeLV). O linfoma é um tumor de origem hematopoiética que representa cerca de um terço de todos os tumores nos gatos (SGARIONI, 2019). Essa afecção é definida como uma neoplasia linfoide, que primariamente afeta os linfonodos ou órgãos viscerais sólidos, como fígado, baço e timo, mas pode afetar regiões não linfoides também (CÁPUA *et al.* 2005). O linfoma pode ser classificado, baseado nos tecidos afetados ou localização anatômica, em mediastinal, alimentar, multicêntrico, nodal e extranodal (SGARIONI, 2019). A ocorrência dessa afecção pode estar relacionada com o vírus da FeLV, visto que estudos indicam que o vírus predispõe o tumor (CÁPUA *et al.* 2005).

O linfoma mediastinal tem origem nos linfócitos T e apresenta sinais clínicos inespecíficos como anorexia e emagrecimento, e sinais relativos aos órgãos acometidos, como dispneia e taquipneia, devido a efusão pleural. O diagnóstico é realizado por exames como hemograma, perfil bioquímico, ultrassonografia e radiografias além de aspiração com agulha fina do tumor e citologia do líquido cavitário em casos de efusão pleural (SGARIONI, 2019). Assim realiza-se o tratamento, no qual o instituído pelo médico oncologista do HVSV foi o uso da combinação de ciclofosfamida, prednisona e vincristina, conhecido como protocolo quimioterápico COP.

As afecções caracterizadas por Outras Causas na tabela 4 foram apenas um caso em cada sistema e consistem em *shunt* portossistêmico, reação transfusional, hérnia de disco e obesidade, todos visualizados no hospital veterinário Santa Vida.

O *shunt* portossistêmico visualizado no Hospital Veterinário Santa Vida acometeu uma canina Spitz Alemão de três meses de idade, com queixas de sialorréia, diarreia, apatia, desvios de comportamento e grau de consciência diminuído. A suspeita dessa afecção se estabeleceu pelos sinais neurológicos na canina, o exame ultrassonográfico demonstrou o fígado atrofiado, então, realizou-se a cistocentese e urinálise no qual indicou a presença de

cristais de biurato de amônio, assim a paciente foi encaminhada para realização de tomografia computadorizada para confirmação, mas devido às condições financeiras da tutora não foi realizado.

O *shunt* portossistêmico é caracterizado por uma conexão anormal entre a circulação portossistêmica, que desvia o fluxo sanguíneo do fígado, no qual substâncias hepatotróficas e tóxicas, como amônia, metionina, ácidos graxos de cadeia curta e ácidos γ -aminobutíricos, advindas do pâncreas e do intestino são enviadas para a circulação, sem antes passar pelo fígado (SANTOS *et al.*, 2014). Os desvios podem ser congênitos ou adquiridos, sendo caracterizados em desvios portossistêmicos intra-hepáticos congênitos e extra-hepáticos congênitos ou adquiridos. Os sinais clínicos estão relacionados ao sistema nervoso, como ataxia, letargia, *head pressing*, mas também podem apresentar sinais gastrointestinais e urinários, como diarreia, êmese e hematuria, devido a formação de cristais de biurato de amônio (CAMARGO *et al.*, 2019). O tratamento definitivo do *shunt* portossistêmico é cirúrgico, através da correção da anomalia vascular por meio de ligadura ou implante de anel metálico (SANTOS *et al.*, 2014).

O caso de reação transfusional foi visualizado em um gato de cinco anos, FeLV positivo, que há uma semana realizou uma transfusão sanguínea em outra clínica, apresentando desde então apatia e hiporexia. As principais indicações para a transfusão sanguínea são hemorragia grave, hemólise ou anemias não regenerativas (TERRA, 2010). Os grupos sanguíneos são definidos por antígenos localizados na superfície dos eritrócitos e são importantes para transfusão ao minimizar o risco de reações hemolíticas, portanto é importante realizar a tipificação sanguínea e testes de compatibilidade para evitá-las. As reações podem ser imunológicas, como no caso de hemólise, hipersensibilidade aguda ou imunossupressão, ou não imunológica, no caso de hipervolemia, contaminação bacteriana ou transmissão de doenças infecciosas (LOURENÇO, 2013).

Foram acompanhados também as afecções do sistema musculoesquelético, os quais estão descritos na tabela 12.

Tabela 12 - Afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas no hospital veterinário Santa Vida

Sistema musculoesquelético	Cão	Gato	Total	Total (%)
Laceração por mordida	1	1	2	66,66
Fratura	1	-	1	33,33
Total	2	1	3	100,00

A laceração por mordida foi a principal causa de afecções musculoesqueléticas, acometendo um cão e um gato. No caso do felino, o paciente tinha sido atacado e permaneceu internado antes do início do estágio e tivera realizado o retorno com uma queixa de inchaço na região abdominal, realizou-se ultrassonografia, mas sem nenhum achado relevante. O cão apresentava diversas lacerações musculares e dispneia, mas infelizmente não resistiu.

A fratura foi devido a uma queda em um cão e afetou a diáfise do fêmur, foi realizada radiografia e controle de dor e encaminhado para o ortopedista para correção cirúrgica. As fraturas de ossos longos na medicina veterinária têm grande relevância, devido a necessidade de procedimentos ortopédicos para reparação (FREITAS *et al*, 2013).

Referente as afecções odontológicas, segue suas especificações na tabela 13.

Tabela 13 - Afecções odontológicas acompanhadas no hospital veterinário Santa Vida

Afecções odontológicas	Cão	Gato	Total	Total (%)
Doença periodontal	1	-	1	50
Fístula infraorbitária	1	-	1	50
Total	2	-	2	100

A doença periodontal é uma das afecções mais comuns em cães, acometendo 85% dessa espécie acima de três anos de idade (GARCIA *et al*. 2008). Essa afecção apresenta etiologia variada, sendo a principal a formação de placa bacteriana, e também está relacionado ao cálculo dentário, comportamento mastigatório, tipo de alimentos, raça, genética e idade. Um dos primeiros sinais clínicos da doença periodontal é a gengivite, que pode levar a ocorrência da periodontite se não tratada, também apresenta sinais como salivação espessa, halitose intensa, sangramento oral e mobilidade dental. Além disso, as bactérias presentes na cavidade oral podem entrar na corrente sanguínea e se acumular em outros órgãos, causando infecção (GARCIA *et al.*, 2008, GOUVEIA, 2009).

O diagnóstico ocorre pelo exame clínico da cavidade oral, por meio de inspeção visual e palpação das estruturas da cavidade oral para identificação de algum sinal clínico. A radiologia auxilia no diagnóstico por permitir uma avaliação mais completa da cavidade oral. O tratamento objetiva remover a placa bacteriana e cálculos dentários pela raspagem dos dentes e minimizar a infecção oral através da profilaxia dentária e informar o tutor da importância dos cuidados domésticos, pela escovação, brinquedos e petiscos mastigáveis para prevenção (GOUVEIA, 2009, FERREIRA, 2018).

A fístula infraorbitária ocorreu em uma paciente canina, secundária à doença periodontal no hospital veterinário Santa Vida, e é uma afecção que cursa com sinais clínicos de aumento de volume facial e secreção cutânea, ocorrida pela infecção ao redor do ápice dentário, normalmente no dente quarto pré-molar superior. Os fatores etiológicos podem ser doença periodontal, fraturas e traumatismos dentários, neoplasias maxilares, desgastes dentários excessivos, lesões no periápice e causas iatrogênicas (DIAS *et al.*, 2013).

Referente aos procedimentos ambulatoriais, foram acompanhados 207 procedimentos no HVSV, que se encontram especificados na tabela 14, além seis testes alérgicos na clínica DermatoVet, que se encontra descrito no tópico 2.2.3

Tabela 14 - Procedimentos ambulatoriais acompanhados no hospital veterinário Santa Vida, divididos em cães e gatos

Procedimentos ambulatoriais	Cães	Gatos	Total	Total (%)
Aferição de pressão arterial	38	21	59	28,50
Coleta de sangue	35	22	57	27,54
Acesso venoso	19	17	36	17,39
Aferição da glicemia	11	4	15	7,25
Eletrocardiograma	11	-	11	5,31
Curativo de ferida	4	3	7	3,38
Cistocentese	2	1	3	1,45
Sondagem uretral	2	1	3	1,45
Sondagem nasogástrica	1	2	3	1,45
Teste rápido FIV/FELV	-	3	3	1,45
Teste rápido Parvovirose	3	-	3	1,45
Teste rápido giardíase	2	-	2	0,97
Moxabustão	1	1	2	0,97
Drenagem glândula do saco anal	-	2	2	0,97
Toracocentese	-	1	1	0,48
Total	129	78	207	100,00

A aferição da pressão arterial sistólica é realizada diariamente nos animais internados no HVSV pelos enfermeiros e estagiários. É feita com o auxílio do *doppler* e esfigmomanômetro, principalmente no membro torácico, mas também visualizada no membro pélvico e cauda.

A coleta de sangue no HVSV é realizada principalmente das veias jugulares, mas quando há dificuldade, os veterinários coletam das veias cefálica ou safena, através da coleta direta da agulha conectada à seringa, ou com escalpe em casos de difícil acesso, principalmente em gatos. O material coletado é identificado nos tubos de coleta com etiquetas com o nome do animal e data de coleta e encaminhado ao laboratório de análise.

Os procedimentos cirúrgicos encontram-se detalhados na tabela 15.

Tabela 15 - Procedimentos cirúrgicos acompanhados no hospital veterinário Santa Vida, divididos em cães e gatos.

Procedimentos cirúrgicos	Cão	Gato	Total	Total (%)
Nodulesctomia	1	-	1	14,29
Vulvoplastia	1	-	1	14,29
Mastectomia	1	-	1	14,29
Profilaxia dentária	1	-	1	14,29
Cistotomia	-	1	1	14,29
Ovariectomia	-	1	1	14,29
Ablação testicular	1	-	1	14,29
Total	5	2	7	100

A maioria dos procedimentos cirúrgicos realizados no hospital veterinário Santa Vida contavam com as medicações pré-anestésicas fentanil e propofol, já a indução e manutenção são feitas com isoflurano.

A nodulesctomia foi realizada em um canino de nove anos que apresentava um sarcoma no cotovelo. Durante o procedimento, o animal foi submetido a eletroquimioterapia, que consiste na associação da eletroporação com administração de antineoplásicos para potencializar a concentração intracelular do fármaco e elevar a resposta terapêutica do animal ao tratamento oncológico (PAULA, 2019).

A vulvoplastia consiste na realização de duas incisões curvas na pele perivulvar e remoção da pele e tecido subcutâneo adjacente para elevar a vulva e foi recomendada em um caso no Hospital Veterinário Santa Vida, de uma canina, Spitz Alemão, com um ano de idade, em que as dobras cutâneas perivulvares estavam causando inflamação na pele. Isso ocorre pelo contato friccional entre as superfícies cutâneas, gerando pequenos traumas e baixa circulação de ar, podendo acumular urina e secreções vaginais (CHATZMISIOS, ANGELOU, PAPAZOGLU, 2020).

Além da comparação casuística entre a clínica DermatoVet e o hospital veterinário Santa Vida, há algumas diferenças necessárias a serem relatadas, principalmente em relação ao manejo dos animais. A clínica DermatoVet era um ambiente mais tranquilo e não possuía internação, portanto, era notável a diferença de comportamento dos animais em relação ao hospital veterinário Santa Vida, no qual os animais se mostravam mais agitados e ansiosos. Ademais, o manejo para contenção dos animais na clínica respeitava o tempo dos animais e nunca fora visto a utilização de cobertores ou luvas de contenção para gatos, já na rotina do HVSV esse tipo de contenção era rotineira.

A internação felina do HVSV encontrava-se desativada, portanto, os gatos eram internados junto com os cães, em um local de alta circulação de pessoas e animais, em baias na frente de outros gatos e cães. Silva (2017) relata que em caso de internamento de gatos, o animal deve permanecer em um ambiente silencioso e calmo, sem que possa ouvir, visualizar ou sentir cheiro de outros animais, para isso, recomenda-se alocar os gatos em gaiolas lado a lado em vez de um animal para frente do outro. Também nem sempre havia a disposição areia higiênica para o animal urinar e defecar no HVSV, então colocava-se um tapete higiênico, mas sabe-se que essa técnica não respeita a eliminação natural do gato, que compreende uma metodologia no qual eles realizam a escavação antes da eliminação, a postura de eliminação e escavação depois da eliminação para cobrir as excretas (HERRON, BUFFINGTON, 2010)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular obrigatório, a partir da rotina prática acompanhada em ambas as concedentes, foi de extrema importância para aprimorar os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante a graduação e contribuir para a formação acadêmica. Além disso, a rotina com os profissionais prepara o graduando para o mercado de trabalho. O estágio na área de comportamento possibilitou o contato com essa área e a compreensão do comportamento natural dos animais e entendimento de distúrbios comportamentais, visto que, durante a graduação é uma área pouco explorada.

A escolha das concedentes para realização do estágio possibilitou a visualização de dois ambientes diferentes, uma clínica na qual acompanhava-se consultas de comportamento animal e um hospital no qual visualizava consultas gerais, cirurgias e exames de imagem. Assim, essa vivência auxilia o discente a decidir qual área deseja atuar.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, L. B. G. Alterações clínicas e laboratoriais de cães e gatos com doença renal crônica: revisão da literatura. **Dialnet**. Vol. 2, Nº. 1, 2010, páginas 1-18
- BARROS, A. R. T. **PERITONITE INFECCIOSA FELINA: ESTUDO RETROSPECTIVO DE 20 CASOS CLÍNICOS**. 2014. 98 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014.
- BEAVER, B.V. **Comportamento Felino**. Roca. 2 ed. 2005.
- BENEDITO, G. S., ROSSI, E. M., BUENO DE CAMARGO, M. H. Hiperadrenocorticismismo Em Cães - Revisão de Literatura. **Rev. Ciên. Vet. Saúde Públ.**, v. 4, n. 1, p. 127-138, 2017
- CAMARGO, J. F. *et al.* Desvio portossistêmico congênito em cães: Revisão. **PUBVET**, Porto Alegre, v.13, n.8, a396, p.1-6, Ago., 2019.
- CAMPOS, M. L., SILVA, L. C., MORAES-FILHO, J. Novos conceitos na dermatite atópica em cães – revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.6, p. 54982-54994 jun. 2021.
- CÁPUA, M. L. B. *et al.* Linfoma Mediastinal em Felino Persa – Relato de caso. **ARS VETERINARIA**, Jaboticabal, SP, Vol. 21, nº3, 311-314, 2005.
- CHATZIMISIOS, K., ANGELOU, V., PAPAZOGLU, L. (2020) “Surgical management of screw tail and vulva skin folds in dogs”, **Hellenic Journal of Companion Animal Medicine**, 9(2), pp. 187–196
- FERREIRA, P. T. **DOENÇA PERIODONTAL EM CÃES: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**. 2018. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FREITAS, S. H. *et al.* HASTE INTRAMEDULAR MODIFICADA NO TRATAMENTO DE FRATURA DIAFISÁRIA DE FÊMUR EM CÃO - RELATO DE CASO. **Rev. Bras. Med. Vet.**, 35(4):323-328, out-dez 2013.

GARCIA, C. Z. *et al.* DOENÇA PERIODONTAL EM CÃES. **REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE MEDICINA VETERINÁRIA**. Ano VI – Número 11 – Julho de 2008 – Periódicos Semestral.

GOUVEIA, A. I. E. **DOENÇA PERIODONTAL NO CÃO**. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

GRAUER, G. F. Early Diagnosis of Chronic Kidney Disease in Dogs and Cats: Use of Serum Creatinine and Symmetric Dimethylarginine. **Today's Veterinary Practice**. February 17, 2016

HERRON, M. E., BUFFINGTON, C. A. T. Environmental Enrichment for Indoor Cats. **Compendium on Continuing Education for the Practising Veterinarian**. 2010 Dec; 32(12): E4.

International Renal Interest Society (IRIS) © Ltd. IRIS Ltd. Staging of CKD. 2019 (Registered Number 10213173).

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas Comportamentais do cão e do gato**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2005.

LIMA, D. H. S. **SOCIALIZAÇÃO, TREINAMENTO E CORREÇÃO COMPORTAMENTAL DE CÃES**. 2014. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Zootecnia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LOURENÇO, A. C. P. **Transfusões sanguíneas em cães e gatos: indicações e reações transfusionais**. 2013. 134 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Évora, Évora, 2013.

MARQUES, M. L. O. *et al.* Doença inflamatória intestinal: revisão. **Pubvet**, [S.L.], v. 15, n. 12, p. 1-10, dez. 2021. Editora MV Valero. <http://dx.doi.org/10.31533/pubvet.v15n12a977.1-10>.

MARIGA, C. *et al.* Análise clínica de cães com parvovirose. **PubVet**. v.16, n.01, a1001, p.1-9, Jan., 2022

MEDEIROS, V. B. Dermatite atópica canina. **J Surg Cl Res** – Vol. 8 (1) 2017:106-117

MELO, A. M. C. *et al.* Doença inflamatória intestinal em felinos: revisão de literatura. **Brazilian Journal Of Animal And Environmental Research**. v. 1, n. 2, 2018.

MELO, T. F. *et al.* Parvovirose canina: uma revisão de literatura. **Natural Resources**, v.11, n.3, p.40-56, 2021.

MORETTI, M. F.; SOUZA, R. E. S. de; MORETTI, B. Doença Inflamatória Intestinal Felina – Relato de Caso / Feline Inflammatory Bowel Disease - Report of Case. **Brazilian Journal Of Animal And Environmental Research**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 236-239, 2021. <http://dx.doi.org/10.34188/bjaerv4n1-022>.

MOTA, A. L. D. R. **Relação entre apresentação clínica, carga viral e a titulação de anticorpos na peritonite infecciosa felina**. Lisboa: UTL, 2010. 95p. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina Veterinária), Universidade Técnica de Lisboa, 2010.

OLIVEIRA, B. M. M., ROMÃO, F. G. HIPERADRENOCORTICISMO EM CÃES-REVISÃO DE LITERATURA. **Alm. Ciênc. Agr.**, v. 05, n. 01, p. 1-15, 2021

PARREIRA, B. F. S. G. PERIODONTITE E OS FATORES PREDISPOONENTES EM CÃES IDOSOS. **Investigação**, 17(5): 12-17 2018

PAULA, R. C. L. de. **Eletroquimioterapia em cães: revisão bibliográfica**. 2019. 22f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina Veterinária) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019.

RAMINHOS, R. S. F. **ESTUDO RETROSPECTIVO DE NÓDULOS CUTÂNEOS EM ANIMAIS DE COMPANHIA - UMA CRESCENTE PREOCUPAÇÃO**. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

RODAN, I., HEATH, S., **Feline Behavioral Health and Welfare**. Estados Unidos: Saunders, 2015. 480 p.

SANTOS, R.O. *et al.* Shunt portossistêmico em pequenos animais. **PUBVET**, Londrina, V. 8, N. 18, Ed. 267, Art. 1781, Setembro, 2014

SARMENTO, J. C. **DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL FELINA: REVISÃO DE LITERATURA**. 2021. 21 f. Monografia (Especialização) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SCHOLTEN, A. D. **PARTICULARIDADES COMPORTAMENTAIS DO GATO DOMÉSTICO**. 2017. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SECHI, G. V. **AVALIAÇÃO COMPARATIVA ENTRE O PRICK TEST E O TESTE INTRADÉRMICO NO DIAGNÓSTICO DA SENSIBILIDADE A ÁCAROS EM CÃES COM DERMATITE ATÓPICA STRICTO SENSU**. 2017. 60 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

SGARIONI, A. Z. **LINFOMA MEDIASTINAL EM UM FELINO: RELATO DE CASO**. 2019. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA, D. C. G. INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL EM CADELA COM DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS. **Acta Veterinaria Brasilica**, v.10, n.3, p.278-283, 2016.

SILVA, D. S. **NOVAS DIRETRIZES PARA O MANEJO CLÍNICO DO PACIENTE FELINO**. 2017. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOLOMON, S. E. B.; FARIAS, M. R. de; PIMPÃO, C. T. Dermatite atópica canina: fisiopatologia e diagnóstico. **Rev. Acad., Ciênc. Agrár. Ambient.**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 21-28, jan./mar. 2012

TEOTONIO, J. R. F. **Distúrbios Comportamentais Relacionados Com o Medo Em cães**. 2015. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

TERRA, V.J.B. Transfusão sanguínea em cães e gatos – Revisão. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 23, Ed. 128, Art. 871, 2010.

TOZZETTI, D. S., ÂNGELO, G., LOT, R. F. E. INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM CÃES E GATOS - REVISÃO DE LITERATURA. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE MEDICINA VETERINÁRIA**. Ano VII – Número 12 – Janeiro de 2009 – Periódicos Semestral

ULIANA, L. M. A., *et al.* Peritonite Infecciosa Felina. **Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**; 2012; 10(35); 46-53.

VIEIRA, F. M. H. *et al.* Peritonite Infecciosa Felina – Relato de caso. **Science and Animal Health**. V.3 N.2 JUL/DEZ 2015. P. 181-191.

WAKI, M. F. *et al.* Classificação em estágios da doença renal crônica em cães e gatos: abordagem clínica, laboratorial e terapêutica. **Ciência Rural**, [S.L.], v. 40, n. 10, p. 2226- 2234, 22 out. 2010. FapUNIFESP (SciELO)

WINGFIELD, W. E. Canine Hemorrhagic Gastroenteritis. **Veterinary Emergency Medicine Secrets**. 2001. 349–350.